

**FAESP - FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO**

**CLAUDIO ALBUQUERQUE BISPO**

**DINÂMICA ARMINIANA DA SALVAÇÃO: uma soteriologia fundamentada no *Sola Gratia***

**SÃO PAULO  
2020**

**CLAUDIO ALBUQUERQUE BISPO**

**DINÂMICA ARMINIANA DA SALVAÇÃO: uma soteriologia fundamentada no *Sola Gratia***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Evangélica de São Paulo – FAESP do Estado de São Paulo como exigência parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.  
Orientador: Prof. Rodrigo Urcino.

**SÃO PAULO  
2020**

**AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,  
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.**

**CLAUDIO ALBUQUERQUE BISPO**

Avaliação: \_\_\_\_\_

DINÂMICA ARMINIANA DA SALVAÇÃO:  
UMA SOTERIOLOGIA FUNDAMENTADA NO *SOLA GRATIA*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentado FAESP – Faculdade  
Evangélica de São Paulo, para fins de  
titulação de Bacharel em Teologia,  
aprovado pelos seguintes professores:

---

Prof. Esp. Rodrigo Urcino  
FAESP – Orientador

São Paulo, 12 de Abril de 2020.

Dedico este trabalho a Deus, minha mãe Maria Ivoneide de Albuquerque (*in memoriam*), esposa Juliana Bispo Albuquerque e família.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, fonte de toda sabedoria, por capacitar-me a concluir mais esta etapa de minha vida.

A Jesus Cristo, supremo mestre, que se entregou por mim na cruz do Calvário, para possibilitar-me a salvação.

À FAESP – Faculdade Evangélica de São Paulo, pelo suporte durante estes árduos anos de estudo.

À Assembleia de Deus Ministério do Belém, pelo suporte durante estes árduos anos de estudo.

À Prof<sup>a</sup> Esp. Amélia Lemos Oliveira, pela orientação e, pelo suporte prestado neste processo.

Ao Pastor e professor Esp. Rodrigo Urcino, pela orientação e, pelo suporte prestado neste processo.

Ao Pastor, professor e sogro José Bispo dos Santos Filho, que foi pessoa importantíssima neste processo.

Aos professores da FAESP – Faculdade Evangélica de São Paulo, que contribuíram para a minha formação teológica.

À minha esposa, Juliana Albuquerque Bispo, que me apoiou em todo este árduo processo de estudos.

Na Holanda houve um homem: os que o conheceram não puderam adequadamente estimá-lo; os que não o estimavam, jamais o conheceram adequadamente.

— **Petrus Bertius**

## RESUMO

Esta pesquisa foi feita com o intuito de apresentar a vida de um dos teólogos que surgiram a partir da Reforma Protestante, Jacó Armínio. O material foi coletado através de uma densa pesquisa bibliográfica, que compreendeu literaturas do próprio Jacó Armínio, em seus anos de debates teológicos, suas obras, de seus seguidores próximos, que documentaram, apresentaram e defenderam suas convicções, os *Remonstrantes*. Também foi utilizada literatura de autores contemporâneos, estrangeiros e nacionais, todos com acurado conhecimento acerca da teologia arminiana, e acima de tudo comprometidos com arminianismo clássico, que é o abordado nesta pesquisa. A pesquisa também lançou mão de literatura de cunho teológico calvinista, afinal o paralelo histórico se dá através do choque entre estas duas vertentes. O texto dá maior atenção à sistematização arminiana, apresentando todos os seus cinco pontos, mais conhecidos pelo acrônimo *Facts*. E também é denso ao tratar da controvérsia gerada no século XVI, quando Armínio começou a opor-se ao sistema teológico determinista calvinista. A pesquisa foi feita a fim de demonstrar que o arminianismo é uma teologia ortodoxa baseada na graça de Deus, tendo em vista que não comete nenhuma injustiça aos atributos divinos, como muitos ainda tentam fazer parecer. Jacó Armínio já é, pode e deve ser reconhecido como o teólogo da graça.

**Palavras-Chave:** Jacó Armínio, Arminianismo, Controvérsia Arminiana, Sínodo de Dort.

## ABSTRACT

This research was done in order to present the life of one of the theologians who emerged from the Protestant Reformation, Jacob Arminius. The material was collected through dense bibliographic research, which comprised literatures of Jacob Arminius himself, in his years of theological debates, his works, of his close followers, who documented, presented and defended his convictions, the Remonstrants. It was also used literature of contemporary authors, foreign and national, all with accurate knowledge about Arminian theology, and above all committed to classical arminianism, which is the approach in this research. The research also made use of Calvinist theological literature, after all the historical parallel occurs through the clash between these two strands. The text gives greater attention to Arminian systematization, presenting all of its five points, best known by the acronym Facts. It is also dense in dealing with the controversy generated in the 16th century, when Arminius began to oppose the Calvinist determinist theological system. The research was done to demonstrate that Rminianism is an orthodox theology based on the grace of God, since it does not commit any injustice to divine attributes, as many still try to make it appear. Jacob Arminius is already, can and must be recognized as the theologian of grace.

**Keywords:** Jacob Arminius, Arminianism, Arminian controversy, Synod of Dort.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
JACÓ ARMÍNIO.....	133
A CONTROVÉRSIA ARMINIANA .....	17
<i>FACTS</i> : OS CINCO PONTOS DO ARMINIANISMO.....	20
Depravação Total.....	20
Expição Ilimitada .....	23
Eleição Condicional.....	26
Graça Resistível.....	31
Segurança em Cristo .....	355
OS REMONSTRANTES E O VERGONHOSO SÍNODO DE DORT .....	39
Os Remonstrantes .....	39
O Vergonhoso Sínodo de Dort .....	42
ESPANTALHOS CRIADOS POR DESCONHECIMENTO E/OU DESONESTIDADE INTELECTUAL.....	47
“O arminianismo é uma teologia antropocêntrica” .....	47
“O arminianismo nega a soberania de Deus” .....	50
“O cerne do arminianismo é o livre-arbítrio, é semi-pelagiano” .....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	544
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	59

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem, por objetivo apresentar fatos históricos concernentes à história, objetivando o processo de vida pelo qual passou Jacó Armínio desde sua infância, desenvolvimento e, conseqüentemente, o período em que desenvolveu sua teologia, especificamente no tocante à doutrina da salvação.

Ao longo dos anos que seguiram a Reforma Protestante, com todo o processo desenvolvido e desempenhado por Martinho Lutero na Alemanha, visando à revisão daquilo que se conhecia como *dogmas* da Igreja Católica Apostólica Romana, principalmente no tocante à obra salvífica efetuada por Cristo no Gólgota, lugar da caveira, onde Ele levou sobre si todas as transgressões da humanidade (cf. Is 53.4) e abriu o caminho para a salvação de todo aquele que n'Ele crer (cf. Jo 3.16), – fato escriturístico verificado – que teve seu sentido pleno pervertido pela igreja dominante da época. Tal fato abriu o caminho, foi o ponto de partida para o surgimento do protestantismo no mundo, movimento no qual houve diversos avanços no estudo acurado das Escrituras, assim como também grandes embates acerca de pontos da teologia cristã e, nestes, foram produzidos grandes teólogos que têm seus trabalhos utilizados como base desde então.

Com o desenvolvimento a partir deste fato histórico, a saber, a Reforma Protestante, desde meados do século XVI, um teólogo e pastor holandês, nascido em Oudewater, tem sido muito desprestigiado e, até mesmo injustiçado quanto a sua perspectiva salvífica da obra de Cristo e como se dá este processo. Jacob Harmenszoon ou Jacó Armínio (em sua forma latinizada, muito utilizada por eruditos da época), é conhecido como o precursor do arminianismo.

Este sistema teológico professado por grande parte do protestantismo brasileiro e mundial tem sido lançado ao descaso e até ao descrédito por grande parte de seus opositores, muito em função daqueles que se dizem arminianos e nem ao menos compreendem o que isto significa, ou seja, a falta de entendimento por parte daqueles que deveriam ser conhecedores, ao menos do básico da sistematização do teólogo holandês – que hoje, conta com uma profusão de literaturas –, por muitas vezes serve como artifício para descaracterização da teologia de Armínio, como será apresentado no decorrer do trabalho.

Em outra esfera, muito mais alarmante, agora em nível doutrinário/expositivo, grande parte dos que estão incumbidos do ensino nas igrejas que professam a fé pentecostal, comumente ensinam um híbrido de arminianismo e doutrinas reprovadas em concílios da

Igreja. Isto é verificável em material didático produzido pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), como revistas de Escola Dominical que, para fim de verificação, será exposto no decorrer do trabalho.

Houve um período da história do pensamento cristão em que uma controvérsia se desenvolveu, e Jacó Armínio foi convidado a se envolver. Alguns ministros começaram a questionar e refutar o Calvinismo, a teologia que predominava o cenário daquela época. Estas questões foram ficando cada vez mais incômodas aos calvinistas, tendo em vista que muitos dos que foram designados para combater estes ministros, que refutavam o calvinismo supralapsariano de Teodoro Beza não o conseguiam. Isto não era interessante.

Por esta razão, Armínio foi convidado a se envolver nesta questão e iniciou estudos mais aprofundados para poder responder a estes ministros que estavam gerando desconforto na sociedade. Por este fato, há quem diga que Armínio era calvinista, isto será melhor trabalhado à frente. Contudo, ao se aplicar nos escritos dos primeiros patriarcas e dos teólogos posteriores, Armínio percebeu que tais ministros que colocavam o pensamento determinista calvinista em cheque, tinham razão e, a partir disto, ele começa a desenvolver suas ideias acerca do processo salvífico. Com isto, Armínio passa a sofrer com várias perseguições sociais, sendo caluniado e, tendo sua vida acadêmica dificultada pelo alto clero calvinista, tudo por discordar da teologia destes.

Atualmente este malefício surge quando se professa uma teologia diferente no tocante à ramificação denominada soteriologia<sup>1</sup> que, a fim de defender, preservar a crença adotada, mesmo desconhecendo, por desinteresse/comodismo, a linha oposta, a presente de forma distorcida simplesmente pelo *affair* apologético e com o único intuito de propagação de seu viés interpretativo.

Contudo, há também os que professam linhas diferentes e são estudiosos, tem conhecimento sobre outras linhas teológicas, entretanto, isto infelizmente não os impede de reproduzir caricaturas acerca da sistematização arminiana. Isto é conhecido no meio acadêmico e, até mesmo, nos meandros da *internet*, como desonestidade intelectual. Pode-se associar este comportamento com uma prática que era muito comum já nos tempos de

---

<sup>1</sup> Uma ramificação da teologia sistemática, também conhecida como Doutrina da Salvação.

Armínio, o *argumentum ad hominem*.<sup>2</sup> Afinal, Armínio era um teólogo dotado de uma erudição ímpar<sup>3</sup> e, com isso, sua teologia era muito bem formulada e de difícil contestação.

Ainda outro implicativo, com o crescimento exponencial das mídias sociais e com a presença massiva de cada vez mais pessoas, cada um com suas características e preferências, linhas de pensamento, credo, fé – ou a falta dela –, posicionamentos políticos, ideológicos e, todas engajadas na defesa ferrenha e propagação de seus posicionamentos – o que, definitivamente não é algo negativo. Contudo, alguns o fazem de forma escusa, sem a limpidez que deveria ser característica da apresentação e/ou abordagem de um respectivo tema, e o arminianismo tem sido objeto desse tipo de prática, que não considera a realidade e, sim, cria caricaturas infundadas e desprovidas de verdade, com o intuito de denegrir, desprestigiar não só a sistematização feita por Jacó Armínio, como também de seus seguidores próximos (contemporâneos) e atuais.

Portanto, o presente escrito vem com o intuito de desmistificar e contribuir para a expansão do conhecimento teológico acerca do pensamento de Jacó Armínio quanto à doutrina da salvação e, isto, a partir dos escritos do próprio teólogo holandês e de outros estudiosos reconhecidos e comprometidos com a exposição fidedigna do tema. Outro objetivo é demonstrar através das mesmas literaturas que o adjetivo “teólogo da graça” cabe perfeitamente a Armínio, pois ele enfatiza a graça do início ao fim do processo salvífico. Cada gesto, atitude, bem ou iniciativa; cada fagulha de qualquer elemento voltado ao bem espiritual, ele atribui única e exclusivamente à graça de Deus.

---

<sup>2</sup> Falácia que se caracteriza quando determinada pessoa responde a um argumento com críticas negativas ao seu autor e não ao conteúdo apresentado.

<sup>3</sup> Segundo Picirilli, 2017, p. 20, Armínio provavelmente recebeu a primeira titulação de mestre conferida pela universidade de Leiden, logo após assumir a cátedra professoral.

## JACÓ ARMÍNIO

Jacob Harmenszoon, ou Jacó Arminio como é mais conhecido – era prática comum à época, inclusive no meio acadêmico, que homens trocassem seus nomes ou adaptassem para a forma latinizada (ARMÍNIO, 2015 p. 15), nasceu por volta de 1560<sup>4</sup> em Oudewater, no sul da Holanda. Ele era membro de uma família de classe média; contudo, teve uma vida muito difícil desde sua infância, começando com a perda do próprio pai, como se pode verificar no escrito de Stanglin (2016, p. 47) “os desafios pessoais para Armínio começaram antes que ele pudesse se lembrar. Seu pai, um fabricante de armas, faleceu na infância de Armínio ou até mesmo antes dele ter nascido”. Com isso, Armínio ficou órfão, juntamente com dois irmãos, um menino e uma menina.

Entretanto, nem tudo na infância de Armínio foi negativo, Theodore Aemilius, um clérigo, residente de Utrecht, compadeceu-se da tragédia que acometeu a família do jovem, e o levou para morar consigo e encarregou-se de sua educação. Durante o período no qual permaneceu sob a tutela do clérigo, apresentou uma genialidade incomum, e foi instruído em ciência e, em línguas, especificamente latina e grega. Já, neste período, o jovem promissor dedicava-se ao serviço de Deus e exibia traços que marcariam sua história, como sua piedade. Mas, esse período durou apenas até o décimo quinto ano da vida de Armínio, com o falecimento de Aemilius, provavelmente no início de 1575.

Posteriormente, Rudolph Suellius, que também era natural de Oudewater, mas morava em Marburg, Hesse, e lecionava na universidade da cidade, conheceu Armínio e ficou impressionado, durante uma visita à Utrecht, não só com o potencial apresentado pelo jovem como também com sua necessidade financeira.

Em Marburg, Suellius matriculou Armínio na universidade, onde iniciou os seus estudos. Contudo, novamente, uma tragédia estaria em seu caminho:

Não muito após de se estabelecer em Marburgo, Armínio teve notícias de que os espanhóis haviam invadido sua cidade natal de Oudewater. Ele retornou a seu local de nascimento, enquanto a cidade ainda estava sob ocupação espanhola, para descobrir que sua mãe, irmãos e muito de sua família estendida haviam perecido no massacre (STANGLIN, 2016, p. 48).

Após tomar conhecimento desta tragédia, a perda de sua mãe e irmãos, mais uma na vida do jovem Armínio, ele refaz o caminho, assim como na ida, a pé, de volta a Marburg.

---

<sup>4</sup> Há controvérsias quanto à data exata do nascimento de Armínio. Por exemplo, Stanglin em seu livro **Jacó Armínio: teólogo da graça**. Trad. Wellington Mariano. São Paulo: Reflexão, 2016, p. 46, relata o nascimento em 1559.

Ainda, durante o mesmo ano, é inaugurada uma nova universidade holandesa, esta em Leiden, com o apoio de Guilherme I, Príncipe de Orange. Armínio soube dessa inauguração, e ao tomar conhecimento de que a universidade estava em processo para a admissão de alunos, logo, se organizou para retornar à Holanda e, brilhante como o era, o jovem logrou êxito e ingressou como estudante em Leiden.

Na universidade de Leiden, Armínio passou seis anos, aprofundando seus estudos, e ali era extremamente estimado e valorado por seus colegas e instrutores. Ao final deste período, já com 22 anos de idade, Armínio teve seu nome recomendado às autoridades de Amsterdã, como sendo um jovem de enorme potencial e de utilidade certa no serviço eclesial. Em reconhecimento, colocou-se à disposição das Ordens Sacras, ou seja, ao serviço eclesial daquela cidade<sup>5</sup>, e assumiu o compromisso de não ocupar nenhum outro cargo sem prévia autorização dos burgomestres.

Ao terminar seu ciclo acadêmico em Leiden, Armínio viajou para Genebra, a fim de ingressar naquela conceituada universidade, atraído pela oportunidade de participar de aulas ministradas por Teodoro Beza, o herdeiro/sucessor de João Calvino. Todavia, sua estadia não foi longa, devido algumas controvérsias e, dali, ele parte para a Universidade da Basileia, onde permanece por mais ou menos dois anos, dando continuidade aos seus estudos.

Posteriormente, ele voltaria a Genebra, e seria alvo de testemunho positivo de Beza – em resposta às autoridades de Amsterdã –, tanto sobre sua vida acadêmica, quanto social, e ali concluiria seus estudos:

Que seja do vosso conhecimento que, desde que Armínio retornou ao nosso meio, vindo de Basel, tanto sua vida quanto seu conhecimento têm sido por nós sobremaneira aprovados, que lhe esperamos o melhor em todo aspecto, se ele firmemente persistir no mesmo curso, no qual, com bênção de Deus, não duvidamos que o fará (PICIRILLI, 2017, p. 15).

Após finalizar sua formação, Armínio adentrou ao ministério, casou-se e formou família:

Por volta de 1587, vindo altamente recomendado pelo próprio Beza, Armínio estava de volta à sua pátria para ficar, e ele passou no exame para o ministério na Igreja Reformada Holandesa. Ele foi chamado e se comprometeu com o ministério em Amsterdã, que estava rapidamente se tornando um florescente centro comercial, e cujo consistório (concílio eclesiástico local) havia financiado sua educação em Genebra. Em 1588 ele foi ordenado como ministro da Antiga Igreja (*Oude Kerk*) em Amsterdã, embarcando ali em um ministério de quinze anos. Em 1590 Armínio se casou com Lijsbet Rael, e eles iniciaram uma família logo após (STANGLIN, 2016, p. 50).

---

<sup>5</sup> Nessa época, na Holanda, não havia separação entre Igreja e Estado.

Em Leiden, depois de alguns anos de ministério, de pastoreio, surgiu a oportunidade de lecionar. Com o falecimento de Lucas Trelcatius, professor da universidade, o nome lembrado para assumir a cátedra, fora o nome de Jacó Armínio. Contudo, levantou-se uma oposição que seria muito presente no restante dos dias de vida de Armínio, Francisco Gomaro, que era um influente professor em Leiden.

Contudo, levando em conta a dificuldade que sempre se apresentou na vida de Jacó Armínio, os anos seguintes não foram apenas de realizações, como se pode observar nas palavras de Robert Picirilli (2017, p. 20):

Finalmente, após muitas consultas, Gomarus relutantemente cedeu e os curadores e burgomestres de Leiden oficialmente nomearam Armínio como professor de teologia em 8 de maio de 1603. Logo depois, recebeu um doutorado, talvez o primeiro concedido por Leiden. Ali passaria os últimos seis anos de sua vida, quase sempre em tempestade de controvérsia teológica. Também sofria de tuberculose. Na mesma época, sua família aumentou para sete filhos e duas filhas.

Além de ter recebido o título de doutor, como afirma a citação, talvez o primeiro oferecido pela Universidade de Leiden, Armínio ainda ascendeu ao posto de reitor, como nos diz Stanglin (2016, p. 54), “de fevereiro de 1605 até 1606, Armínio serviu como reitor eleito da Universidade de Leiden, um mandato de um ano”.

Sobre o fim dos dias do grande teólogo, professor e pastor Jacó Armínio, pode-se perfeitamente evocar o relato de suas obras:

[...] Armínio teve uma desordem biliosa, contraída por trabalhos e estudos incessantes, e por permanecer sentado por muito tempo. Sem dúvida, a inquietação e a angústia produzidas em sua mente pela malevolência de seus oponentes contribuíram muito para essa enfermidade, que se tornou tão violenta a ponto de fazer com que Armínio não fosse capaz de levantar de sua cama. Mas durante alguns meses, em intervalos, embora com grande dificuldade, ele continuou a ministrar suas aulas e desempenhou outras atribuições de seu cargo de professor, até o dia vinte e cinco de julho, quando realizou um debate público sobre “a vocação dos homens para a salvação” [...]. A agitação causada por algumas circunstâncias ligadas a essa disputa produziu um violento paroxismo de sua doença, da qual ele nunca se recuperou. Ele permaneceu em dor física aguda, mas sem redução de sua alegria habitual, e com plena aquiescência à vontade de Deus, até o dia dezoito de outubro de 1609. Naquele dia, por volta do meio-dia, nas palavras de Bertius, “com os olhos voltados para o céu, em meio as orações fervorosas dos presentes, Armínio entregou calmamente o seu espírito a Deus, enquanto cada um dos espectadores exclamou: ‘Ó minha alma, permita que eu morra a morte dos justos’”. Assim viveu, e assim, com a idade de 49 anos, morreu Jacó Armínio, distinto entre os homens pela virtude e pela amabilidade de seu caráter privado, doméstico e social; entre os cristãos, por sua tolerância para com aqueles que divergiam de suas opiniões; entre os pregadores, por seu zelo, eloquência e sucesso; e entre os teólogos, por suas fortes opiniões; embora suas visões teológicas fossem amplas e abrangentes,

era habilidoso ao argumentar, além de franco e cortês ao lidar com as controvérsias. Seu lema era “*Bona Conscientia Paradisus*” (ARMÍNIO, 2015, pp. 20-21).

Como foi possível observar, nesta sintética biografia, a vida do teólogo, professor, reitor e pastor holandês Jacó Armínio, foi marcada por muitas conquistas, mas também, por muitas tragédias. Contudo, Armínio sempre foi um homem esmerado nos estudos, bem sucedido no ministério pastoral e admirado por seus companheiros de academia, bem como pelas pessoas que o rodeavam. De fato, Armínio deixou um excelente legado.

## A CONTROVÉRSIA ARMINIANA

Este é um ponto que marca a história de Jacó Armínio. Tendo estudado durante um período relativamente longo com Teodoro Beza, ele, obviamente teve contato com os ensinamentos de João Calvino, mentor de Beza, e teólogo muito renomado dentro do contexto teológico da época – como ainda o é até hoje.

João Calvino, nascido em Noyon, pequena cidade da França, em 10 de Julho de 1509, foi um dos grandes sistematizadores da Teologia Cristã, com um volume imenso de escritos – em especial, suas **Institutas da Religião Cristã**. Com certeza, Calvino é um dos ícones do protestantismo pós-Lutero.

O sistema teológico Calvinista defendia a soberania de Deus acima de todas as coisas, ou seja, Ele preordenou/predestinou todas as coisas, isto incluindo todos os eleitos, tanto para a salvação, quanto para a perdição eterna – embora eles neguem a eleição para condenação, é uma consequência lógica deste sistema. Segundo esta visão, Deus é o sustentador supremo de todas as coisas, tudo está sob o seu controle, até os mínimos detalhes. Nada, absolutamente nada, foge a sua vontade decretiva.

Entretanto, para melhor compreensão, faz-se interessante evocar o próprio João Calvino:

Chamamos predestinação ao decreto eterno de Deus pelo qual determinou o que quer fazer de cada um dos homens. Porque ele não cria com a mesma condição, mas antes ordena a uns para a vida eterna, e a outros, para a condenação perpétua. Portanto, segundo o fim para o qual o homem é criado, dizemos que está predestinado à vida ou à morte. Ora, Deus deu testemunho dessa predestinação com respeito não somente a cada pessoa em particular mas também a toda a raça de Abraão, à qual propôs como exemplo, para que todo o mundo compreenda, que é Ele quem ordena qual há de ser a condição e estado de cada povo ou nação (CALVINO, 2009, p. 380).

Todavia, há quem possa alegar que o trecho acima mencionado fora retirado de seu contexto imediato – embora esteja bem claro –, a fim de evitar esta percepção, mais palavras de Calvino:

Dizemos, pois, como a Escritura o demonstra com toda a evidência, que Deus designou de uma vez por todas, em seu eterno e imutável conselho, aqueles que deseja que se salvem, e também aqueles que deseja que se condenem. Dizemos que esse conselho, pelo que tange aos eleitos, fundamentam-se na gratuita misericórdia divina, sem respeito algum à dignidade do homem; ao contrário, que a entrada da vida está fechada para todos aqueles que Ele quis entregar à condenação; e que isso se faz por seu secreto e incompreensível juízo, o qual é, no entanto, justo e irrepreensível (CALVINO, 2009, p. 385).

Contudo, agora apresentado o sistema da crença calvinista, mesmo que de forma sintética, pode-se falar da controvérsia, que se deu a partir de um fato específico:

Certas circunstâncias ocorreram durante o ano seguinte, fatos que, em seu resultado, exerceram uma grande influência sobre os pontos de vista doutrinários de Armínio, e no final conduziram Armínio a adotar o sistema que leva seu nome. No ano de 1578, Coornhert, um homem profundamente religioso, e que havia prestado serviços importantes ao seu país e à Reforma, colocando sua própria vida em risco, em uma discussão com dois ministros calvinistas de Delft, atacou os pontos de vista peculiares de Calvino sobre a Predestinação, a Justificação e a punição dos hereges com a morte de forma magistral e popular. Ele então publicou seus pontos de vista e defendeu uma teoria substancialmente conhecida posteriormente como a teoria arminiana [...]. Seu panfleto foi respondido em 1589 pelos ministros de Delft, mas em vez de defender o ponto de vista supralapsariano de Calvino e Beza, que havia sido objeto particular do ataque de Coornhert, eles apresentaram e defenderam as visões mais baixas ou sublapsarianas, e atacaram a teoria de Calvino e Beza (ARMÍNIO, 2015, pp. 17-18).

A partir desse episódio, envolvendo Coornhert e os ministros de Delft, Armínio foi convidado a participar da questão:

O panfleto dos ministros de Delft foi transmitido a Armínio por Martin Lydius, professor em Franeker, pedindo que Armínio defendesse o seu ex-preceptor. Ao mesmo tempo, o senado eclesiástico de Amsterdã pediu-lhe para expor e refutar os erros de Coornhert. Ele iniciou o trabalho imediatamente, mas ao pesar detalhadamente os argumentos a favor do ponto de vista supralapsariano e os argumentos em prol do sublapsarianismo, Armínio inclinou-se a este último em vez de refutá-lo. Ao continuar suas pesquisas, Armínio dirigiu-se para o estudo mais diligente das Escrituras, e as comparou diligentemente com os escritos dos primeiros patriarcas e com escritos de teólogos posteriores. O resultado dessa investigação foi a sua adoção da teoria particular da Predestinação que leva seu nome (ARMÍNIO, 2015, p. 18).

Cabe aqui um esclarecimento, referente a uma estória que teve circulação nos anais da história, e que ainda é disseminada. Nela, há quem diga que Armínio foi um adepto do hipercalvinismo de Beza, quanto a isso, Stanglin (2016, p. 50) afirma que:

Circulava uma estória desde a época da oração fúnebre de Bertius, e ela às vezes ainda é perpetuada, de que Armínio fora, em relação à doutrina da predestinação, um calvinista supralapsário, e que ele fez uma dramática mudança de opinião no início de seu ministério em Amsterdã.

Esclarecido este ponto, é importante salientar que Armínio era um pregador bastante popular – fato este que, certamente, potencializou a repercussão quanto às suas posições –, andava por grande parte das igrejas da cidade, e comumente fazia suas pregações baseadas no livro de Romanos. Entretanto, quando chegou ao sétimo capítulo, houve um choque com a interpretação reformada da época que era a de que Paulo estivesse falando de si próprio, um homem já regenerado – Armínio não entendia assim –, contudo, ainda batalhando contra o

pecado. Isso gerou a primeira acusação a Armínio, feita por Petrus Plancius, de estar pregando sob uma perspectiva pelagiana. Armínio precisou prestar contas por essa acusação às autoridades.

Seguindo sua sequência de pregações na carta paulina aos irmãos em Roma, agora no capítulo de número 9, novamente foi acusado por Plancius, e mais uma vez teve de prestar esclarecimentos. Contudo, Armínio foi inocentado nas duas ocasiões.

Armínio seguiu com sua linha de pensamento e interpretação, diferindo da linha adotada pelos calvinistas, e isso gerou uma série de embates que estão registrados em suas obras. Embates – que era a principal atividade dos professores, debatendo ou presidindo<sup>6</sup> – estes que eram feitos de forma pública, através de documentos.

Talvez, um dos mais emblemáticos e, que explicita a posição “controversa” de Armínio, seja o seu debate com Francisco Gomaro, seu colega de cátedra na Universidade de Leiden:

Um dos tratados mais renomados de Armínio na verdade surgiu da disputa pública de seu colega, Gomaru, que escreveu suas teses sobre predestinação em oposição à Armínio no dia 31 de outubro de 1604. Em resposta, Armínio escreveu seu *Examen thesium Gomari (Exam. Gom.)*, uma refutação ponto a ponto da visão supralapsária da predestinação de Gomaru (STANGLIN, 2016, p. 60-61).

Como este, houve tantos outros debates<sup>7</sup> que estão registrados na história, acusações de heresia, difamações etc. Contudo, Armínio nunca foi declarado culpado das acusações que seus oponentes/perseguidores costumeiramente lhe faziam.

---

<sup>6</sup> Stanglin, **Jacó Armínio**: teólogo da graça, 2016, p.60.

<sup>7</sup> Para saber mais sobre estes debates, vide *As Obras de Armínio*. Trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

## **FACTS: OS CINCO PONTOS DO ARMINIANISMO**

Dentro da soteriologia, o arminianismo, assim como o calvinismo, é sistematizado em 5 pontos, isto meramente para facilitar a compreensão. Contudo, existe um enorme equívoco por parte das pessoas, ao pensarem que os pontos arminianos vieram, ou foram formulados em contraposição aos calvinistas. Isto ficará mais claro no capítulo que tratará acerca do Sínodo de Dort.

O termo *FACTS* – quando associado ao arminianismo –, a título de informação, é criado a partir de um acrônimo formado pelas letras iniciais de cada ponto da sistematização arminiana. Este termo se deu no contexto dos arminianos americanos, e resume as iniciais das expressões: (1) *Freed by grace (to believe)*; (2) *Atonement for all*; (3) *Conditional Election*; (4) *Total Depravity*; (5) *Security in Christ*.

A tradução de *FACTS*, do inglês para o português quer dizer “fatos”, e as respectivas traduções para cada ponto querem dizer: (1) Libertos pela graça (para crer); (2) Expição para todos; (3) Eleição condicional; (4) Depravação total; (5) Segurança em Cristo.

### **Depravação Total**

Quanto à antropologia bíblica, Armínio diz que o homem é uma das criações de Deus. A Bíblia relata – no livro do Gênesis – todo este processo magnífico pelo qual a humanidade foi formada, pela vontade graciosa do Senhor. E quanto ao estado do homem, antes da queda, segundo Armínio (2015, p. 60), “o homem é uma criatura de Deus, consistindo de um corpo e uma alma; racional, bom e criado à imagem divina”.

Contudo, apesar do homem ter sido criado bom (cf. Gn 1.31; Ec 7.29), e isto é, parte do relato bíblico, assim como, também, à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1.26), a Queda causou estragos e comprometeu a estrutura, alterando o estado da humanidade:

A Bíblia assevera que, após a Queda, o ser humano passou a ser “escravo do pecado” (Jo 8.34; Rm 7.14; 2Pe 2.19). O pecado passou a ser a condição natural do ser humano. Mais do que isso: ele passou a fazer parte da sua natureza, de maneira que não é correto afirmar que o homem é pecador porque peca, mas, sim, que ele peca porque é pecador (DANIEL, 2017, p. 346).

Quando tratado aqui o fato do homem ter caído, faz-se importante um esclarecimento. Com respeito a este ponto, a compreensão dos arminianos clássicos difere diametralmente da

posição calvinista, no tocante a predestinação, pois como já fora demonstrado, o homem foi criado racional, ou seja, com suas faculdades mentais plenas:

A Queda não foi preordenada por Deus para algum propósito secreto. Os arminianos clássicos acreditam que Deus conhece todas as coisas de antemão, incluindo todo evento do mal, mas rejeitam qualquer noção de que Deus fornece ‘impulsos secretos’ que controlam até mesmo as ações de criaturas malignas (angélicas ou humanas) (OLSON, 2013, p. 49 *apud* MAIA, 2015, p. 32).

O pensamento arminiano não admite a ideia de que Deus, através de seu conselho eterno, tenha, de forma arbitrária, definido este ponto desde antes da fundação do mundo. Pois, essa linha de crença acerca da Queda do homem, faz de Deus, em última instância, o autor do mal. Contudo, o que Calvino (2009, pp. 407-409) diz acerca disso:

Queixa-se, pois, essa gente contra Deus, dizendo que como poderia Ele imputar aos homens como pecado as coisas que Ele, com sua predestinação, obrigou-os necessariamente a fazer. Pois que poderiam fazer estes? Resistir a seus decretos? Isso seria inútil, já que não poderiam prevalecer contra eles. [...] Dizem que Adão foi criado com livre-arbítrio para que escolhesse o modo de viver que preferisse, e que Deus não havia determinado coisa alguma sobre ele [...]. Se se admite esta vã invenção, onde fica aquela onipotência de Deus, que de nenhuma outra coisa depende e com a qual, conforme ser secreto conselho, modera todas as coisas? Confesso que este decreto de Deus deve encher-nos de espanto; no entanto, nada poderá negar que Deus soube antes de criar o homem o fim que haveria de ter, e que o soube porque em seu conselho assim o havia ordenado. [...] E não há de parecer absurda minha afirmação de que Deus não somente previu a queda do primeiro homem e com ela a ruína de toda a sua posteridade, mas que assim o ordenou.

Para o arminiano, essa conclusão lógica é inconcebível, e beira a heresia, tendo em vista que Deus é descrito nas Escrituras como um ser que ama (cf. Jo 3.16), que é o próprio amor – este atributo não está acima dos tantos outros pertencentes a Deus, mas em perfeita harmonia com os outros – (cf. 1Jo 4.8), e também é um ser relacional, tendo em vista que Cristo foi o meio para a reconciliação entre criatura e Criador (cf. 2Co 5. 18-20), elo este, quebrado na Queda, por criaturas dotadas de livre-arbítrio, e com potência para o mal, como relata C.S. Lewis (2001, p. 23) *apud* Kleber Maia (2015, p. 36):

Deus criou coisas dotadas de livre-arbítrio: criaturas que podem fazer tanto o bem quanto o mal. Alguns pensam que podem conceber uma criatura que, mesmo desfrutando de liberdade, não tivesse possibilidade de fazer o mal. Eu não consigo. Se uma coisa é livre para o bem, é livre também para o mal. E o que tornou possível a existência do mal foi o livre-arbítrio. Por que, então, Deus o concedeu? O livre-arbítrio, apesar de possibilitar a maldade, é também que torna possível qualquer tipo de amor, bondade e alegria. Um mundo feito de autômatos – criaturas que funcionem como máquinas – não valeria a pena ser criado. A felicidade que Deus quis para suas criaturas mais elevadas é a felicidade de estar, de forma livre e voluntária, unidas a ele [...].

Embora existam tantos relatos nos escritos de Armínio, no tocante a Queda, muitos ainda vão negar que ele defendesse a depravação total – alguns alegarão que Armínio negava totalmente, ou que defendia uma depravação parcial –, em decorrência do pecado original, e alegar que enfatizasse a suficiência do livre-arbítrio. No entanto, Armínio sempre foi categórico, enfático ao trabalhar o tema em questão, e sempre afirmou, deixou muito claro o estado caído em que a raça humana encontra-se, como se pode ver em suas obras:

[...] o livre-arbítrio é incapaz de iniciar ou aperfeiçoar qualquer bem verdadeiro e espiritual, sem a graça. [...] Portanto, afirmo que esta graça é simples e absolutamente necessária para o esclarecimento da mente, a devida ordenação dos interesses e sentimentos, e a inclinação da vontade para o que é bom. [...] Confesso que a mente de um homem carnal e natural é obscura e sombria, que os seus afetos são corruptos e desordenados, que a sua vontade é obstinada e desobediente, e que o próprio homem está morto em pecados. (ARMÍNIO, 2015, p. 406).

Com este ponto bem esclarecido, e sabendo que Armínio não dava ênfase a suficiência do livre-arbítrio, cabe salientar outro texto registrado em suas obras, onde ele reafirma a necessidade, por parte do homem, de ser alvo da graça divina, e que sem isso, o homem nada pode fazer:

Mas em seu estado de descuido e pecado, o homem não é capaz de pensar, nem querer, ou fazer, por si mesmo, o que é realmente bom; pois é necessário que ele seja regenerado e renovado em seu intelecto, afeições e desejos, e em todos seus poderes, por Deus, em Cristo, por intermédio do Santo Espírito, para que possa ser corretamente qualificado para entender, estimar, considerar, desejar e fazer aquilo que realmente seja bom. Quando ele é feito participante dessa regeneração ou renovação, considero que, estando liberto do pecado, ele é capaz de pensar, de querer e fazer aquilo que é bom, mas ainda não sem a ajuda da graça divina (ARMÍNIO, 2015, p. 231).

Concluindo este ponto, ficou explícito o cerne do pensamento arminiano, referente ao estado do homem, em sua plenitude, sua potência para a livre escolha, e a conseqüente Queda – que foi possível graças à liberdade, a capacidade volitiva com a qual o ser humano foi dotado na criação. Armínio não só admitia o criacionismo bíblico, como também, que o homem fora criado bom, justo e reto, e que a Queda comprometeu a estrutura da humanidade, a ponto de todas as áreas da vida estarem propensas, ou tendenciosas ao pecado. Chegando a esta conclusão, ele afirma veementemente que, sem o auxílio da graça de Deus, operada pelo Espírito Santo, através dos méritos de Cristo Jesus, o homem é totalmente incapaz de operar qualquer bem verdadeiro e espiritual, culminando numa consequência lógica, de que sem a graça, o homem nunca poderá se voltar para Deus. Logo, o homem é totalmente inerte sem o auxílio direto da graça.

## Expição Ilimitada

Um dos pontos centrais apresentados nas Escrituras também se encontra na soteriologia, e foi também motivo de muitas leituras e releituras durante a História. Questões como a intenção, extensão e aplicação da obra expiatória foram trabalhadas após Cristo.

Nesta perspectiva, temos duas linhas que ocupam grande parte do pensamento teológico, histórico e hodierno: a concepção arminiana que afirma que a obra expiatória de Cristo, na cruz do calvário, foi em favor de todas as pessoas indistintamente e a visão calvinista<sup>8</sup> que alega que o sacrifício vicário de Cristo foi apenas pelos eleitos. Entretanto, é bom salientar que não existe consenso – entre os calvinistas – de que Calvino tenha ensinado a expiação limitada, pois em suas **Institutas da Religião Cristã**, ele não tratou diretamente este ponto, ou seja, as afirmações devem ser muito comedidas e cuidadosas acerca desta questão (PICIRILLI, 2017, p. 111).

Contudo, para exemplificar a posição da maioria dos calvinistas quanto à extensão da expiação, pode-se citar um teólogo, que é professor do Seminário de Westminster, na Filadélfia. Para tal, Murray (1955, p. 73) *apud* Shank (2015, pp. 71-72) diz:

Se a expressão “expição limitada” é boa ou não, devemos contar com o fato de que a menos que acreditemos na restauração final de todos os homens, não podemos ter uma expiação ilimitada. Se universalizarmos a extensão, nós limitamos a eficácia. É essa alternativa que os proponentes da expiação universal devem enfrentar. Eles têm uma expiação “limitada”, e limitada no que diz respeito àquilo que colide com suas características necessárias. Não devíamos ter qualquer coisa disso. A doutrina da “expição limitada” que mantemos é a doutrina que limita a expiação para aqueles que são herdeiros da vida eterna, para os eleitos. A limitação garante sua eficácia e conserva suas características essenciais como uma redenção eficiente efetiva.

Uma das interpretações calvinistas, que é estranha às Escrituras, é a de conceber que o termo “mundo” em muitos textos não carrega o seu significado literal, ou seja, não quer dizer mundo. Interpretação que é tão estranha que até mesmo expoentes calvinistas se posicionam quanto a esta questão. Veja o que diz o pastor e pregador batista Charles H. Spurgeon (1880, pp. 48-49) *apud* Carlos Vailatti (2015, p. 111) ao comentar a passagem de I Timóteo 2. 3-4:

Vocês devem, a maioria de vocês, estar familiarizados com método geral segundo o qual os nossos amigos calvinistas mais antigos lidam com este texto. “Todos os homens”, dizem eles, isto é, “alguns homens”: como se o Espírito Santo não pudesse ter dito “alguns homens” se ele quisesse dizer alguns homens. “Todos os homens”, dizem eles; isto é, “alguns de todos os

---

<sup>8</sup> É importante salientar que a sistematização arminiana está situada no meio de uma controvérsia, como já citado neste escrito, e por isso haverá a apresentação do ponto oposto para contextualizar as informações.

tipos de homens”: como se o Senhor não pudesse ter dito “todos os tipos de homem” se ele quisesse dizer isso. O Espírito Santo, através do apóstolo, escreveu “todos os homens”, e inquestionavelmente ele quis dizer todos os homens.

Armínio, à semelhança do príncipe dos pregadores, não concordava com essa ideia, pois ele não cria em uma obra expiatória de Cristo que fosse excludente, mas sim em um sacrifício completo, que abranja toda a humanidade, de forma indistinta. Ele partia de uma interpretação que levava em conta a literalidade do texto bíblico, seu contexto imediato e geral.

Para constatação deste fato, basta ver algumas palavras de Jacó Armínio acerca do tema:

O fato de que, pela palavra “mundo”, nestas passagens, deve-se entender todos os homens de maneira geral, é manifesto por essas passagens e pelos usos das Escrituras. Pois não existe, em minha opinião, nenhuma passagem, em toda a Bíblia, em que possa ser provado, sem nenhuma controvérsia, que a palavra “mundo” significa os eleitos (ARMÍNIO, 2015, p. 334).

E ele diz mais, de forma enfática e bem clara, como é característico de Armínio em seus posicionamentos “[...] as Escrituras dizem, de maneira extremamente clara e em muitas passagens, que Cristo morreu por todos, pela vida do mundo, e isso pela ordem e pela graça de Deus Pai” (ARMÍNIO, 2015, p. 330).

Armínio partia de uma compreensão literal das Escrituras, por exemplo, (*οὕτως γὰρ ἠγάπησεν ὁ θεὸς τὸν κόσμον*), “porque Deus amou o mundo” (cf. Jo 3. 16), o termo “*τον κόσμον*” provindo da raiz *kosmos* quer dizer literalmente cosmo, universo. Louw e Nida (2018, p. 3) “em algumas línguas, o conceito da totalidade do universo pode ser expresso apenas como ‘tudo o que há na terra e no céu’”.<sup>9</sup>

João falou isto para demonstrar que o amor de Deus está disponível a todas as pessoas, indistintamente. E ele a usa novamente no versículo seguinte, “portanto, Deus enviou o seu Filho ao mundo não para condenar o mundo (*τον κόσμον*), mas para que o mundo fosse salvo por meio dele” (cf. Jo 3. 17).

Agora, seguindo uma hermenêutica geral, veja o texto paulino registrado na carta aos irmãos em Roma, “[...] Em verdade, no devido tempo, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu por todos os ímpios” (cf. Rm 5. 6). Ora, o texto é enfático ao afirmar que Cristo se entregou por todos os ímpios, se esta morte foi apenas pelos eleitos, pode-se inferir que

---

<sup>9</sup> Louw e Nida. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento*, 2018, p. 3.

apenas os eleitos eram ímpios e, com isso, os demais automaticamente seriam declarados inocentes.

Prosseguindo, Paulo segue em seu escrito, “[...] concluindo, da mesma forma como o pecado ingressou no mundo por meio de um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte foi legada a todos os seres humanos, porquanto pecaram” (cf. Rm 5. 12). O termo empregado por Paulo no trecho citado é o mesmo utilizado por João para definir “mundo” (*τον κόσμον*), e aqui ele se refere à extensão do pecado, ao seu poder de alcance e como subjuguou toda a humanidade, porque todos pecaram (cf. Rm 3. 23), estão afastados de Deus e totalmente necessitados de sua graça e misericórdia. Sendo assim, se levarmos a hermenêutica calvinista às últimas consequências, teremos que concluir, invariavelmente, que o pecado é mais poderoso que a obra expiatória de Cristo, o que se choca violentamente com a intencionalidade do texto bíblico.

A expiação ilimitada defendida por Armínio também resolve a questão da inculpabilidade da humanidade, pois se a morte de Cristo gerou a possibilidade de arrependimento e salvação apenas para os eleitos, como os demais poderiam ser – justamente – declarados culpados de não se arrepender e terem fé, se não havia esta possibilidade? A resposta está nas palavras do próprio Armínio (2015, p. 428) *apud* Vailatti (2015, p. 43):

[...] se [a redenção] não foi obtida para todos, a fé em Cristo é, sem nenhum direito, exigida de todos e, se não foi obtida para todos, ninguém pode, com justiça, ser culpado por rejeitar a oferta de redenção, pois rejeita aquilo que não lhe pertence, e o faz com propriedade. Se Cristo não morreu por todos, então não pode ser o juiz de todos.

Pode-se ainda citar um dos maiores teólogos deste século, ao falar sobre o tema, Norman Geisler (2017, p. 299) arremata:

As bases bíblica, teológica e histórica do alcance universal (*ilimitado*) da expiação são incontestáveis. Com uma notável exceção do “Agostinho posterior” – que é compreensível –, não existe outra voz significativa em toda a História da Igreja até a época da Reforma que defenda a expiação *limitada*. Na verdade, a Bíblia é enfática ao declarar que Deus amou o mundo decaído por completo e que Cristo se entregou pelo mundo inteiro. Os argumentos teológicos que surgem da onibenevolência de Deus são poderosamente a favor da expiação ilimitada – a visão de que Cristo deu a sua vida pelos pecados de todos os seres humanos. Qualquer negação desta verdade limita de forma arbitrária o amor de Deus a somente algumas pessoas e está baseada em uma forma indefensável de Voluntarismo.

E ainda há muitos outros versículos nas Escrituras que atestam esta verdade, que Cristo morreu por todas as pessoas indistintamente, “[...] eis o Cordeiro de Deus que tira o

pecado do mundo” (cf. Jo 1. 29); “[...] Agora cremos [...] que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo” (cf. Jo 4. 42); “Pois Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo” (cf. 2 Co 5. 19); “[...] porquanto temos depositado nossa esperança no Deus vivo, o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem” (cf. 1 Tm 4. 10); “Ele se entregou em resgate por todos, para servir de testemunho a seu próprio tempo” (cf. 1 Tm 2. 6) “Porquanto, a graça de Deus se manifestou salvadora para todas as pessoas” (cf. Tt 2. 11); “e Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente por nossas ofensas pessoais, mas pelos pecados de todo o mundo” (cf. 1 Jo 2. 2), este texto de João é um dos mais diretos e concisos ao descrever a extensão da morte de Cristo na cruz do Calvário, que abrange, com certeza, todas as pessoas. O termo grego utilizado por João é “hilasmos” (*ἱλασμός*) que é traduzido por propiciação, e tem o sentido de apaziguar, tornar propício, favorável. Ou seja, Cristo, através de seu sacrifício estava reconciliando a humanidade com Deus, relação esta que sofreu abalo em função do pecado, e que havia direcionado a ira santa de Deus à humanidade.

### **Eleição Condicional**

No âmbito da eleição divina, haverá discordância, novamente, entre calvinistas e arminianos. E no tocante a eleição, também há outros pontos que estão correlacionados, tais como a predestinação, o livre-arbítrio, presciência e a atuação da graça de Deus.

Ambos acreditam na eleição divina, contudo de forma diferente, os calvinistas defendem uma eleição incondicional, baseada única, exclusiva e imutavelmente na soberania, ou seja, Deus, no completo domínio de suas faculdades, escolhe quem será destinado à salvação e, da mesma forma, quem será destinado à danação, à condenação eterna.

Muitos calvinistas negarão enfaticamente que exista uma dupla predestinação, contudo, note o que diz o teólogo calvinista R.C. Sproul (2002, p. 101) *apud* Roger Olson (2013, p.71):

Ensina [a visão calvinista da predestinação] que desde a eternidade Deus escolheu intervir nas vidas de algumas pessoas e trazê-las à fé salvadora, e escolheu não fazer isso para outras pessoas. Desde toda a eternidade, sem nenhuma visão prévia de nosso comportamento humano, Deus escolheu alguns para a eleição e outros para a reprovação... A base para a escolha humana não está somente no homem, mas no beneplácito da vontade divina.

Mas, para não ficar apenas nas palavras de teólogos posteriores, e também para que não haja alegações quanto às fontes citadas, pode-se perceber, muito claramente, a dupla predestinação nas palavras do próprio João Calvino (2009, p. 375):

Mas porque o pacto da vida não é pregado igualmente a todos os homens, e porque, entre aqueles aos quais é pregado, não é sempre recebido da mesma forma, mostra-se nessa diversidade um admirável segredo do julgamento divino. Pois, não há dúvida de que essa variedade serve também ao decreto da eterna eleição de Deus. E se é evidente que da vontade de Deus depende que a uns seja oferecida gratuitamente a salvação e que a outros se lhes negue, daí nascem grandes e muito árduos problemas, que não é possível explicar nem solucionar se os fiéis não compreenderem o que devem com respeito ao mistério da eleição e da predestinação. A muitos essa questão parece intrincada, pois creem ser coisa muito absurda e contra toda razão e justiça que Deus predestine uns para à salvação e outros à perdição.

Entretanto, Calvino ainda vai além a aprofunda sua visão acerca da predestinação para danação eterna:

Como, pois, a ordenação de todas as coisas está nas mãos de Deus e Ele, segundo lhe agradar, pode dar vida ou morte, **também ordena com seu conselho que alguns, desde o seio materno, sejam destinados a uma morte eterna certíssima, e que com sua perdição glorifiquem seu nome** (CALVINO, 2009, p. 408) [negrito nosso].

Dados os escritos apresentados, fica evidente que, por mais que muitos calvinistas não aceitem, ou neguem a doutrina da dupla predestinação, não há como dizer que ela não seja pertencente ao seio da tradição calvinista. E mais, que Calvino entendia que a predestinação para a danação eterna tem como objetivo à glória de Deus.

Em contraponto, no arminianismo, a eleição é vista como condicional, corporativa, pela presciência, através da graça preveniente e da ação dela no arbítrio caído do homem para que ele possa estar apto a responder ao chamado de Deus para a salvação, quer seja de forma positiva ou negativa.

As Escrituras ao tratarem de eleição, sempre utilizam vocábulos plurais, tais como, “porquanto nos escolheu” (cf. Ef 1.4); “também sujeitou tudo o que existe debaixo de seus pés e o designou cabeça sobre absolutamente tudo o que há, e o concedeu à Igreja, que é o seu Corpo [...]” (cf. Ef 1.22-23) etc.

O teólogo Jack W. Cottrell (2016, p. 134) fala com clareza acerca da eleição corporativa da igreja, como participante ativa do propósito de Deus para a humanidade, não como Israel, que preparou o caminho para o Messias, mas como agente na proclamação do Reino de Deus:

Como foi o caso do Antigo Testamento, Israel, a eleição da igreja é uma eleição corporativa ou coletiva. A igreja como um corpo é agora o povo

eleito de Deus, escolhida para completar o propósito de Deus da redenção. Essa eleição corporativa da igreja é refletida na referência de Pedro à “nação (raça) eleita” (1 Pedro 2:9) e na descrição de João das congregações locais como a “senhora eleita” e sua “irmã eleita” (2 João 1, 13). Como com o Israel do Antigo Testamento, a eleição da igreja é uma eleição para serviço. A igreja é o veículo de Deus para a proclamação das boas novas da redenção em Cristo. Quando Pedro descreve a igreja como “nação eleita”, ele acrescenta este propósito para a eleição: “para que anuncieis a virtude daquele que vos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:9)<sup>10</sup>

A condicionalidade da eleição é notória em vários textos bíblicos, e coaduna com a potencialidade da obra expiatória de Cristo Jesus.

Esta condicionalidade está atrelada ao sinergismo, que é próprio da sistematização arminiana, onde Deus possibilita a salvação a todos os homens indistintamente, como podemos ver em alguns textos paulinos, “Pois Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo [...]” (cf. 2Co 5. 19); “Porquanto, a graça de Deus se manifestou salvadora para todas as pessoas” (cf. Tt 2. 11); “Pois é justamente para isso que trabalhamos e lutamos, porquanto temos depositado nossa esperança no Deus vivo, o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêm” (cf. 1Tm 4. 10).

A salvação está condicionada à resposta humana, com fé, por meio da graça, ao chamado de Cristo, Robert Shank (2015, p. 114) exemplifica muito bem isso:

A relação complementar entre a provisão de Deus e a apropriação do homem aparece do início ao fim das Escrituras, confirmando o fato de que “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6). Dessa forma, as Escrituras colocam a fé como condição para a eleição, condição pela qual a eleição potencial para todos os homens se torna realizada nos indivíduos: “tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual estamos firmes” (Romanos 5: 1, 2).

O teólogo brasileiro Vinicius Couto, proeminente autor de diversos livros sobre teologia arminiana, principalmente numa perspectiva Armínio-Wesleyana que é tradicional à sua denominação – Igreja do Nazareno –, traz uma citação em um de seus escritos, do primeiro artigo da *Remonstrância* – que era formada pelos primeiros, e mais próximos seguidores de Jacó Armínio – que muito auxilia na elucidação deste ponto:

Que Deus, por um eterno e imutável plano em Jesus Cristo, seu Filho, antes que fossem postos os fundamentos do mundo, determinou salvar, de entre a raça humana que tinha caído no pecado – em Cristo, por causa de Cristo e através de Cristo – aqueles que, pela graça do Santo Espírito, crerem neste seu Filho e que, pela mesma graça, perseverarem na mesma fé e obediência de fé até o fim; e, por outro lado, deixar sob o pecado e a ira os contumazes e descrentes, condenando-os como alheios a Cristo, segundo a palavra do

<sup>10</sup> COTTRELL, Jack W. Eleição Condicional. In: PINNOCK, Clark H. (Org.). **Graça para Todos**: a dinâmica arminiana da salvação. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 129-161.

Evangelho de Jo 3.36 e outras passagens da Escritura (COUTO, 2014, pp. 28-29).

Esta eleição também tem suas bases na presciência de Deus, em contraponto ao determinismo arbitrário e fatalista de João Calvino e de seus seguidores, independe da linha adotada, se *supralapsarianos* ou *infralapsarianos*, que divergem apenas quanto à ordem do decreto, os primeiros situam a predestinação antes da Queda, o outro grupo a situa no pós-Queda.

Para os arminianos, a predestinação está totalmente associada à presciência divina, que nada mais é que o pré-conhecimento de Deus acerca daqueles que responderão positivamente ao convite de Salvação. Para exemplificar esta compreensão, Cottrell (2016, p. 145):

A presciência de Deus foi enfatizada. Deus elege indivíduos de acordo com Sua presciência. Mas a questão pode ser bem apresentada: presciência de quê? A resposta é que Ele sabe de antemão se um indivíduo irá cumprir as *condições* para a salvação que Ele soberanamente impôs. Quais são essas condições? A condição básica e toda abrangente é se a pessoa está em *Cristo*, a saber, se ela entrou em um relacionamento salvador com Cristo por meio do qual a pessoa é participante de todos os benefícios da obra redentora de Cristo. A quem Deus previu estar em Cristo (“até a morte” – Apocalipse 2: 10), Ele predestinou para ser glorificado como o próprio Jesus.<sup>11</sup>

Contudo, essa sinergia não deve ser vista como meritória por parte do homem, como alguns tentam assim argumentar, e isso não se enquadra ou se sustenta tendo em vista de que a visão arminiana atribui todo o processo de salvação a Deus. Ele é o agente que inicia todo o bem, toda obra positiva que o homem possa vir a efetuar, tudo vem d’Ele (COTTRELL, 2016, p. 146).<sup>12</sup> Ninguém que esteja necessitado de qualquer coisa pode se vangloriar do fato de ter recebido ajuda, afinal o seu papel foi apenas o de estender a mão – em resposta ao auxílio oferecido – e, nisso, não há mérito, a não ser a quem graciosamente o ajudou.

Ademais, a eleição segundo a presciência acaba com a arbitrariedade da predestinação calvinista, pois a partir do momento em que Deus elege, predestina a partir da fé prevista, não há mais o problema da inculpabilidade do homem. Para exemplificar esta questão, Rodman Williams (2011, p. 368):

A eleição não deve ser entendida no NT como uma limitação pela qual apenas *alguns* podem crer – como se a graça de Deus fosse discriminatória – [...]. Dizer que “Deus nos escolheu em Cristo antes da criação do mundo” não significa que ele rejeitou os outros (e assim predeterminou sua morte – conforme Calvino [...]). A eleição não exclui a responsabilidade humana. [...] O fracasso deve-se ao fato de as pessoas se afastarem do propósito de Deus por conta própria.

<sup>11</sup> Ibid. p. 145.

<sup>12</sup> Ibid. p. 146.

Como visto, a eleição divina é conforme a presciência, tendo em vista que Deus em sua onisciência, não está preso ao tempo, é atemporal, e com isso conhece todas as coisas, quer sejam elas no passado, presente ou futuro. E também, que a eleição é corporativa, partindo do pressuposto de que a linguagem aplicada pelas Escrituras é sempre coletiva, referindo-se a um grupo de pessoas e não a indivíduos isolados. Porém, também apresenta a condicionalidade da resposta humana pela fé para a eleição. A resposta humana a este chamado é a fé.

Contudo, existe ainda neste emaranhado de conceitos, dois que são extremamente importantes para a compreensão desta questão referente à eleição como um todo, que são livre-arbítrio e graça preveniente, que estão intimamente relacionados.

Sabe-se que o homem, antes da Queda, foi dotado de capacidade volitiva, ou seja, ele tinha liberdade para escolher, capacidade é conhecida como livre-arbítrio. Jacó Armínio (2015, p. 471) ao tratar deste tema em uma suas obras nos oferece uma definição de livre-arbítrio, “A palavra *arbitrium*, ‘escolha’ ou ‘livre-arbítrio’, significa tanto a faculdade mental ou o entendimento pelo qual a mente pode julgar sobre qualquer coisa a ela proposta, quanto ao julgamento propriamente dito, formado pela mente de acordo com aquela faculdade”. O teólogo arminiano Robert Picirilli (2019, p. 15) também traz uma definição bem objetiva acerca deste conceito, “Livre-Arbítrio é uma maneira de dizer que uma pessoa é capaz de tomar decisões, que pode escolher entre duas (ou mais) alternativas, ao obter (por quaisquer meios) o nível de entendimento daquelas alternativas exigidas para escolher entre elas”. Entretanto, com o advento da Queda, essa capacidade foi extremamente prejudicada, condicionando o homem sempre à pecaminosidade, ou seja, não existia mais a possibilidade da escolha, tendo em vista que só existia o caminho do pecado.

Esta condição leva ao questionamento, como um homem, que a Bíblia é categórica e enfática ao afirmar que está morto em seus pecados e delitos (cf. Ef 2. 1; 5), pode responder ao chamado de salvação? A graça preveniente é a responsável por vivificar o homem caído, restaurando o seu livre-arbítrio para que possa responder.

Para maior compreensão é preciso conceituar mais profundamente a graça preveniente, expondo, elucidando sua forma de atuação e eficácia ao ir ao encontro do homem caído a fim de lhe restaurar a capacidade de responder ao chamado divino para a salvação. Para tanto, pode-se mencionar as palavras do teólogo assembleiano, autor de um dos livros mais densos, em língua portuguesa, acerca do arminianismo Silas Daniel (2017, p. 366):

Por graça entende-se o favor divino, do qual não somos merecedores. O uso do termo “preveniente” ou “precedente” atrelado ao vocábulo “graça” é apenas para deixar claro que estamos falando de uma ação divina que antecede a conversão. Essa manifestação da graça divina recebe teologicamente essa designação porque a Bíblia nos mostra que é só através de uma manifestação precedente e preparatória da graça de Deus que a depravação total pode ser suplantada, possibilitando-nos arrependimento e fé.

Concluindo, ainda sobre a graça preveniente, temos o quarto artigo da *Remonstrância*:

No quarto artigo da remonstrância lemos que, “esta graça de Deus é o começo, a continuação e o fim de todo o bem; de modo que nem mesmo o homem regenerado pode pensar, querer ou praticar qualquer bem, nem resistir a qualquer tentação para o mal sem a graça precedente (ou preveniente) que desperta, assiste e coopera. De modo que todas as obras boas e todos os movimentos para o bem, que podem ser concebidos em pensamento, devem ser atribuídos à graça de Cristo [...] (COUTO, 2014, p. 77-78).

Com isso, pode-se perceber que a graça não somente habilita, mas também acompanha e capacita o homem em toda a sua caminhada de fé. Por isso, se faz justíssimo dizer que Jacó Armínio é um teólogo da graça, pois ele não deixa escapar em nenhum momento, a necessidade da graça para a salvação. Pelo contrário, cada parte de sua sistematização tem como base a graça preveniente de Deus, que para ele é dispensada a partir da pregação do Evangelho da salvação.

### **Graça Resistível**

Armínio é conhecido como o teólogo da graça porque foi um dos que mais a mencionou em suas sistematizações. Ao observar a relação dos pontos apresentados neste escrito, a partir de qualquer outra obra do teólogo holandês, percebe-se claramente o quanto a graça é importante para a harmonia dos pontos em questão.

O *Sola Gratia* é um dos chamados solas da Reforma Protestante, a saber: *Sola Scriptura* (somente a Escritura), *Solus Christus* (somente Cristo), *Sola Gratia* (somente a Graça), *Sola Fide* (somente a Fé) e *Soli Deo Glória* (somente a Deus Glória).

Estes são os cinco solas da Reforma efetuada por Martinho Lutero e tantos outros gigantes da fé. Armínio, teólogo reformado como o era, afinal é conhecido por ser um reformador holandês, baseou seus estudos nestes pontos. Entretanto, para ele a graça é indispensável.

Armínio reconhece a importância da graça, em decorrência do estado decaído em que a raça humana se encontra desde o pecado original:

A justiça de Deus exige que os pecados recebam justa penalidade, mas Deus o Filho graciosamente Se fez substituto no lugar da humanidade pecadora. Como aquela graça adquirida pela expiação de Cristo é comunicada à humanidade é um tema proeminente para Armínio. Ao longo de seus escritos, aparece um refrão recorrente de que a humanidade caída, sem Cristo, não tem capacidade, e, assim, não tem liberdade, de escolher pela regeneração espiritual (STANGLIN, 2016, p. 196).

Para Armínio, a graça é um favor imerecido (cf. Ef 2. 8-10), assim como para o calvinismo, contudo, a forma de atuação da graça é resistível. Já para o calvinismo, é irresistível, como apresentam Ferreira e Myatt (2007, p. 459) *apud* Couto (2014, p. 74), “sem a obra poderosa e irresistível do Espírito Santo, o homem não pode fazer nada em relação à salvação”.

Como já foi dito em alguns pontos do tópico anterior, sobre a eleição condicional, há certos aspectos poderão se repetir aqui, porque preciso será esclarecer, a partir do pensamento de Armínio a forma com que a graça atua, para depois se aprofundar especificamente no caráter resistível da graça.

Para Armínio, a graça:

[...] é uma auxiliar da bondade e do amor, pela qual se indica que Deus é levado a transmitir o seu próprio bem e a amar as criaturas, não por mérito ou dívida, não por alguma causa externa, nem por alguma coisa que pudesse ser acrescentada ao próprio Deus, mas para que fosse bom àquele a quem o bem é concedido e que é amado (ARMÍNIO, 2015, p. 46).

Também atua de forma preveniente e, de acordo com Norman Geisler (2010, p. 197) ela “[...] significa ‘anterior’, e a expressão graça preveniente se refere à obra executada por Deus no coração dos homens – imerecida do lado humano – anterior à salvação, que encaminha as pessoas em direção a este objetivo por intermédio de Cristo”.

Para Armínio (2015, p. 231), esta graça não somente capacita o homem, restaurando o seu livre-arbítrio para que possa responder positivamente ao chamado da salvação, como também o segue, auxiliando no crescimento durante a caminhada na fé. Quanto ao desenvolvimento dessa graça, como se dá, Armínio comenta em sua obra:

Em referência à Graça Divina, acredito que: (1.) É uma *afeição gratuita* pela qual Deus, tocado pelo amor, vai em direção a um pecador miserável e, em primeiro lugar, dá o seu Filho, “para que todo aquele que nele crê... tenha a vida eterna”, e, depois, Ele o justifica em Cristo Jesus e por causa dEle, o adota, concedendo-lhe direito dos filhos, para a salvação. (2.) É uma infusão (tanto no entendimento como na vontade e afeições humanas) de todos os dons do Espírito Santo que pertencem à regeneração e à renovação da fé, da esperança, suficiente ou capaz de pensar, ter vontades, ou fazer qualquer coisa que seja boa. (3.) A *assistência permanente* e a ajuda contínua do Espírito Santo, segundo a qual Ele age e inclina para o bem o homem que já

foi renovado, infundido nele cogitações salutares, e inspirando-lhe com bons desejos, levam-no, assim, a desejar tudo o que é bom [...].

Ele atribui à graça absolutamente tudo, no tocante à possibilidade da salvação. Entretanto, ele defende a tese de que a graça pode ser resistida pelo homem:

Desta maneira, atribuo à graça o início, a continuidade e a consumação de todo o bem, de tal forma que, sem a sua influência, um homem, mesmo já estando regenerado, não pode conceber, nem fazer bem algum, nem resistir a qualquer tentação do mal, *sem esta graça emocionante e preventiva, que coopera com o homem*. Como fica claro a partir dessa informação, de maneira nenhuma cometo alguma injustiça à graça, atribuindo, como é relatado de mim, uma quantidade excessiva de coisas ao livre-arbítrio do homem. Toda a controvérsia se reduz à solução desta questão: “A graça de Deus é uma certa força irresistível?” Ou seja, a controvérsia não se relaciona às ações ou às operações que podem ser atribuídas à graça [...], mas se refere apenas ao modo de operação, *irresistível ou não*. Com relação a este tópico, creio eu, de acordo com as Escrituras, que muitas pessoas resistem ao Espírito Santo e rejeitam a graça que lhes é oferecida (ARMÍNIO, 2015, p. 232).

Esta citação de Armínio mostra que a acusação da qual ele foi alvo, de atribuir muito ao livre-arbítrio do homem não passa de uma tentativa de difamá-lo, por motivos escusos, pois isso não se aplica ao seu pensamento.

As afirmações sobre a possibilidade de resistir à graça, para alguns, traz sérios danos à soberania de Deus. O que é uma inverdade, devido ao fato de que uma simples análise pode mostrar que Deus, desde o Antigo Testamento chama o seu povo escolhido – Israel – a um relacionamento sincero e verdadeiro de adoração, submissão aos seus preceitos e, até mesmo empreende juízo pelo pecado da idolatria como se fosse uma traição matrimonial, o que fica claro no livro do profeta Oséias. Posteriormente, no Novo Testamento isso também fica evidente, quando Deus, em Cristo restaura o seu relacionamento com a humanidade (cf. 2Co 5. 18-19).

Como diz Rodrigues (2016, pp. 50-51) acerca dessa percepção de que a possibilidade de se resistir à graça implique em uma negação da soberania de Deus, “As tentativas do Espírito Santo de convencer o homem do pecado da justiça e do juízo não vergam a volição humana. Isso não implica em prejuízos à soberania de Deus, visto ter Ele decidido ser possível resistir à Sua graça”.

E ele vai além, ainda discorrendo sobre este assunto, aprofundando-o, trazendo uma definição lógica de que, “Deus é absolutamente soberano sem determinar todas as coisas. Não desejar fazer alguma coisa é diferente de não poder fazer alguma coisa. Deus pode fazer o que

desejar, inclusive não determinar todas as coisas. Logo, é soberano (RODRIGUES, 2016, p. 51).

Prosseguindo, sabendo que a resistibilidade da graça não afeta em nada a soberania de Deus, pode-se trazer outra questão que é muito pertinente à discussão, que é a própria narrativa bíblica e, nisto entram até mesmo palavras do próprio Cristo. Pois, o operador da salvação dá declarações, registradas nas Sagradas Escrituras, que vão de encontro com a doutrina da graça irresistível.

Pode-se notar isso nas palavras de Jesus, “Ó Jerusalém, Jerusalém, [...]! Quantas vezes Eu quis reunir os teus filhos, como a galinha acolhe os seus pintinhos debaixo de suas asas, mas vós não o aceitastes!” (Mt 23. 37). Ora, no texto fica claro que a intenção de Jesus era reunir os israelitas, cuidar deles como uma “galinha que acolhe os seus pintinhos”, mas eles não o receberam, não o quiseram, resistiram ao Senhor.

E ainda existem outros textos – tanto vetero quanto neotestamentários – que também não coadunam com a ideia de irresistibilidade nas Escrituras, “Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra. Contudo, se recusardes e fordes maldosos e rebeldes, sereis todos devorados à espada; porque a boca do Senhor disse!” (Is 1 19-20); “Vós examinai criteriosamente as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testemunham acerca de mim. Todavia, vós não quereis vir a mim para terdes a vida eterna” (Jo 5. 39-40); “Homens duros de entendimento e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo. Da mesma forma como agiram vossos pais, assim vós fazeis também” (At 7. 51); “O Espírito e a Noiva dizem ‘Vem!’ E todo aquele que ouvir responda: ‘Vem!’ Quem sentir sede venha, e todos quantos desejarem, venham e recebam de graça a água da vida” (Ap 22. 17).

Lemke (2010, p. 120) *apud* Rodrigues (2016, p. 55) comenta sobre o trecho de João 23. 37, onde está contido o lamento de Jesus:

Se Jesus acreditasse na graça irresistível, tanto na chamada externa quanto na interna, seu lamento aparente sobre Jerusalém teria sido apenas uma ato insincero, um show de dissimulação pelo fato dele saber que Deus não iria e que não daria a tais pessoas perdidas as condições necessárias para à salvação das mesmas.

Armínio tem uma interpretação muito condizente com o relato bíblico, pois como visto nos textos citados, existem diversos convites por parte do Senhor para que o homem se volte para Ele. Convites estes, que vem com a oferta da graça (preveniente), que restabelece a capacidade de discernimento do ser humano, a fim de que ele possa responder positivamente

ao chamado do evangelho da salvação. Mas, esta graça pode ser resistida, visto que o Senhor requer um relacionamento verdadeiro com sua criação, e não a coage para isto.

Concluindo, o caráter amoroso e justo de Deus é apresentado de forma muito mais graciosa, quando Ele, soberano e onipotente como o é, podendo realizar qualquer coisa que seja de seu agrado, decide dotar o homem com capacidade volitiva (assistindo-o pela graça), para responder positivamente ao chamado das boas novas, tornando-se partícipe do povo eleito de Deus; ou negativamente, tornando-se imputável por tal decisão, mantendo a ira santa de Deus sobre si.

### **Segurança em Cristo**

No tocante a este ponto, tanto a sistematização calvinista quanto a arminiana, com o desenrolar da história, tiveram surgimento de algumas correntes acerca da perseverança dos santos (visão calvinista), segurança em Cristo (arminiana) quanto à possibilidade da perda salvação. Mesmo havendo alguns textos – que serão expostos adiante – do próprio Armínio e, posteriormente nos documentos da *Remonstrância* de que este ponto deveria ser alvo de uma diligente investigação acerca da possibilidade do cristão perder, ou não, a salvação.

Entretanto, faz-se, importante um parêntese, pois muitos cristãos hodiernos tem uma compreensão um tanto desfigurada quanto a esta questão. Pensa-se em alguns arraiais evangélicos, principalmente entre os pentecostais, que a salvação é algo que se perde facilmente. Quanto a isto, cabe salientar:

“[...] de quem depende a salvação?” Se a salvação dependesse de nós, então poderíamos perder a salvação facilmente. Mas, não é o caso. Ela depende de Deus, e ele concede todos os meios pela sua graça para garantir a segurança de nossa salvação, de maneira que é muito difícil alguém se perder eternamente. Esfriar na fé e desviar-se não só são possíveis como são paté comuns entre alguns crentes, mas perder-se eternamente, se a pessoa realmente nasceu de novo, não é tão fácil assim (DANIEL, 2017, p. 457).

Tendo isto esclarecido, para exemplificar algumas correntes adotadas/expostas por teólogos arminianos com crenças divergentes no tocante a possibilidade da perda da salvação, pode-se recorrer às palavras de Silas Daniel (2017, pp. 457-458), em seu livro *Arminianismo: a mecânica da salvação*:

Inclusive, por não ser tão fácil perder a salvação, os arminianos tradicionalmente se dividem em três grupos nesta questão: os que creem que a salvação não pode ser perdida (arminianismo de 4 pontos), sendo esta posição adotada hoje pela maioria dos batistas arminianos, dentre eles Roger Olson e Norman Geisler; os que creem que a salvação pode ser perdida em alguns casos excepcionais, mas, quando isso acontece, também não se pode

ser recuperada, posição defendida pelos teólogos arminianos Robert E. Picirilli e F. Leroy Forlines; e os que creem que a salvação pode ser perdida, mas em muitos casos pode ser também recuperada, como os metodistas e a maioria dos arminianos creem, sendo essa posição de nomes como John Wesley, Robert Shank e o autor desta obra.

Portanto, sabe-se que dentro do arminianismo existem nuances sobre a possibilidade dos cristãos caírem, declinarem da fé. Contudo, é interessante observar as palavras de Armínio quanto a esta questão, pois como já fora antes explicitado, o pastor e teólogo holandês teve momentos em que não se posicionou claramente, mas manifestou certa dubiedade em relação a este tema. Para fundamentar tal afirmação, Keith Stanglin (2016, p. 221-222), um dos maiores especialistas em Armínio diz:

Alguns leitores de Armínio permanecem sem partido com respeito à sua visão sobre a apostasia, pois o próprio Armínio foi ambíguo às vezes, indicando sua própria necessidade de mais estudo sobre a questão. Mas a maioria dos estudiosos concorda que Armínio ensinou que verdadeiros crentes podem decair da fé. Ainda permanece algum debate, no entanto, sobre a visão de Armínio acerca de como isso acontece e se os que caem podem ser trazidos de volta à salvação.

E ele prossegue acerca da posição arminiana acerca da possibilidade da apostasia, “Levando o corpo completo de seus escritos em consideração, está claro que Armínio pressupunha que crentes verdadeiros podem decair da fé, e que, na maioria dos casos, eles podem ser trazidos de volta” (STANGLIN, 2016, p. 222).

Ele ainda argumenta – sutilmente – sobre uma inconsistência e/ou incoerência, que o doutor e teólogo arminiano Carlos Augusto Vailatti também aponta, no fato de que teólogos declarados arminianos defendam, em dado momento, uma eleição condicional, do ponto de vista de que uma pessoa pode resistir à graça e, noutro momento passam a crer em uma irresistibilidade desta mesma graça. Quanto a esta questão, Keith Stanglin (2016, p. 223) diz, “Se, como Armínio ensinou, a pessoa tem um papel na sua salvação, e a salvação pode ser corretamente descrita como não resistir à graça que é, por definição, resistível, então a pessoa pode, a qualquer tempo, resistir àquela graça”.

Contudo, vamos diretamente às palavras do próprio Armínio, primeiro onde ele se posiciona de forma inconclusiva e orienta que deva ser feito um estudo mais aprofundado desta questão:

O meu sentimento a respeito da perseverança dos santos é que as pessoas que forma enxertadas em Cristo, pela fé verdadeira, e assim têm se tornado participantes de seu precioso Espírito vivificador, dispõem de *poderes suficientes* [ou] forças para lutar contra Satanás, contra o pecado, contra o mundo e a sua própria carne, e para obter a vitória sobre estes inimigos, mas não sem a ajuda da graça do mesmo Espírito Santo. Jesus Cristo, também

pelo seu Espírito Santo, as auxilia em todas as tentações que enfrentam, e lhes proporciona o pronto socorro da sua mão; também entendo que Cristo as guarda não as deixando cair, desde que tenham se preparado para a batalha, implorando a sua ajuda, e não querendo vencer apenas com suas próprias forças. De modo que não é possível para eles, por qualquer astúcia ou poder de Satanás, serem seduzidos das mãos de Cristo. Mas acho útil e que será muito necessário em nossa primeira convenção [ou Sínodo] instituir uma investigação diligente das Escrituras, a fim de que não seja possível que alguns indivíduos, por negligência, abandonem o início de sua existência em Cristo, e unam-se novamente ao presente século mau, declinando da sã doutrina que uma vez foi-lhe entregue, e que percam a boa consciência, fazendo com que a graça divina seja ineficaz em suas vidas (ARMÍNIO, 2015, p. 232).

Esta é uma posição primária de Armínio, acerca da segurança em Cristo, e seus primeiros seguidores, os *Remonstrantes* caminharam na mesma toada ao formularem seus documentos acerca da teologia arminiana, mais precisamente em seu IV artigo:

“Que aqueles que são enxertados em Cristo por uma verdadeira fé, e que assim foram feitos participantes de seu vivificante Espírito, são abundantemente dotados de poder para lutar contra Satã, o pecado, o mundo e sua própria carne, e de ganhar a vitória; sempre – bem entendido – com o auxílio da graça do Espírito Santo, com a assistência de Jesus Cristo em todas as suas tentações, através de seu Espírito; o qual estende para eles suas mãos e (tão somente sob a condição de que eles estejam preparados para a luta, que peçam seu auxílio e não deixar de ajudar-se a si mesmos) os impele e sustenta, de modo que, por nenhum engano ou violência de Satã, sejam transviados ou tirados das mãos de Cristo [Jo 10.28]. Mas, quanto à questão se eles não são capazes de, por preguiça ou negligência, esquecer o início de sua vida em Cristo e de novamente abraçar o presente mundo, de modo a se afastarem da santa doutrina que uma vez lhes foi entregue, de perder a sua boa consciência e de negligenciar a graça – isto deve ser assunto de uma pesquisa mais acurada nas Santas Escrituras antes que possamos ensiná-lo com inteira segurança” (COUTO, 2014, p. 85).

Todavia, outros escritos de Jacó Armínio mostram uma leve mudança em seu posicionamento, ele passa a destrinchar melhor o assunto, tratando com mais detalhes, facilitando – nem tanto, é preciso debruçar-se um pouco para compreender as minudências acerca do assunto – o entendimento quanto à sua posição. Isto acontece em suas obras, quando vai responder às acusações feitas a ele, em artigos que eram distribuídos nos Países Baixos, de trazer novidades heterodoxas.

Armínio (2015, p. 258) diz o seguinte em sua defesa, em resposta a duas questões:

“(1.) É possível que os crentes declinem da fé” e (2.) “É possível que os crentes declinem na salvação.” No tocante a este último tópico, quando examinado de forma mais rígida e com precisão, dificilmente pode ser admitido; é impossível que os crentes, desde que permaneçam fiéis, venham a perder a salvação.

E ele faz uma distinção importantíssima para que seja possível compreender seu posicionamento quanto à questão da apostasia, Armínio salienta:

Uma vez que a *eleição para a salvação* compreende, em seus limites, não apenas a fé, mas, igualmente, a perseverança na fé; e uma vez que Agostinho diz que “Deus escolheu, para a salvação, aqueles que Ele vê que posteriormente *crerão* pela ajuda de sua graça subsequente ou conseqüente”. Os *cristãos fiéis* e os *eleitos* não são corretamente interpretados como sendo as mesmas pessoas. Omitindo, portanto, toda a percepção da palavra “eleição”, respondo que, às vezes, os cristãos fiéis estão [*comparatos*] em uma circunstância em que não produzem, durante algum tempo, nenhum efeito de fé verdadeira, nem mesmo a apreensão da graça e das promessas de Deus, nem a confiança em Deus e em Cristo; mas, é exatamente isso que é necessário para a salvação. Mas o apóstolo diz, a respeito da fé, com referência ao fato de ser uma qualidade e uma capacidade de crer: “conservando a fé e a boa consciência, rejeitando a qual alguns fizeram naufrágios na fé”. (ARMÍNIO, 2015, p. 350-351).

Percebe-se, portanto, que Armínio além de mudar seu posicionamento com referência à possibilidade da apostasia, ou talvez só o tenha exposto posteriormente o que sempre entendeu acerca do assunto. Contudo, ele apresenta uma distinção entre crentes e eleitos, como foi visto na transcrição de seu texto. Isso se dá porque Armínio cria em uma eleição conforme a presciência divina, sendo que nesta o eleito, não pode perder a salvação, tendo em vista que, Deus, em sua presciência viu que ele permaneceria na fé até seus últimos dias; contrapondo-se a este cenário, está o crente, que da mesma forma, Deus o viu, através de sua presciência, porém, este não permaneceu na fé, mas em algum momento da caminhada cristã parou/cessou de dar frutos, e este pode perder a salvação.

## OS REMONSTRANTES E O VERGONHOSO SÍNODO DE DORT

### Os Remonstrantes

Com o desenrolar de todas as questões acerca da disputa teológica que envolveu os Países Baixos – hoje Holanda –, concernente à disputa entre a teologia calvinista e arminiana, acerca de alguns pontos nevrálgicos que incorrem na soteriologia – ramificação/um dos braços da teologia sistemática –, houve ainda alguns desdobramentos *post mortem* de Jacó Armínio.

Após o falecimento de Jacó Armínio (19 de outubro de 1609), precursor do que se conhece hoje como arminianismo, surgiu a necessidade e, vontade por parte daqueles que adotaram sua sistematização de dar prosseguimento aos ensinamentos do piedoso pastor.

Em 1610, 46 pastores e teólogos arminianos resolveram redigir um documento que continha cinco artigos/pontos, embasados no pensamento de Jacó Armínio, que era também uma manobra de defesa deles contra as acusações e perseguições calvinistas, que não cessaram com a morte de Armínio, mas estenderam-se aos seus seguidores. Estes pastores ficaram conhecidos, historicamente, como *Remonstrantes*, que em sua tradução significa “reclamante” ou “protestante”. Silas Daniel (2017, pp. 264-265) expõe na íntegra os pontos deste documento:

Artigo 1 – Deus, por um eterno e imutável decreto em Jesus Cristo, seu Filho, antes de ter lançado os fundamentos do mundo, decidiu salvar, dentre a raça humana caída em pecado, os que – em Cristo, por causa de Cristo e através de Cristo – por meio da graça do Espírito Santo, creriam nesse seu Filho, e que, pela mesma graça, perseverariam até o fim nessa fé e obediência de fé; mas, por outro lado, decidiu deixar os impenitentes e descrentes sob o pecado e a ira, condenando-os como alheios a Cristo, conforme a palavra do Evangelho de João 3.36 “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece”, e também conforme outras passagens das Escrituras.

Artigo 2 – Em concordância com isso, Jesus Cristo, o Salvador do Mundo, morreu por todos e por cada um dos homens, de modo que obteve reconciliação e remissão dos pecados para todos por sua morte na cruz; porém, ninguém é realmente feito participante dessa remissão exceto os crentes, segundo a palavra do Evangelho de João 3.16 “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” e a Primeira Epístola de João 2.2 “E ele é a propiciação pelos pecados e somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.”

Artigo 3 – O homem não possui fé salvadora por si mesmo, nem a partir do poder de deus livre-arbítrio, visto que, em seu estado caído de apostasia e de pecado, não pode, de si e por si mesmo, pensar, querer ou fazer, algo de bom (que seja verdadeiramente bom tal como é, primeiramente, a fé salvífica);

mas, é necessário que Deus, em Cristo, pelo seu Espírito Santo, regenere-o e renove-o no intelecto, nas emoções ou na vontade, e em todos os seus poderes, a fim de que ele possa corretamente entender, meditar, querer e prosseguir no que é verdadeiramente bom, como está escrito em João 15.5 “porque sem mim nada podeis fazer.”

Artigo 4 – Esta graça de Deus é o princípio, o progresso e a consumação de todo o bem, tanto que nem mesmo um homem regenerado pode, por si mesmo, sem essa precedente ou preveniente, excitante, prossequinte [sic] e cooperante graça, pensar, querer ou terminar qualquer bem, muito menos resistir a quaisquer tentações para o mal. Por isso, todas as boas obras e boas ações que possam ser pensadas, devem ser atribuídas à graça de Deus em Cristo. Mas, em relação ao modo de operação dessa graça, ela não é irresistível, visto que está escrito sobre muitos que “resistiram ao Espírito Santo” (Atos 7), e em muitos outros lugares.

Artigo 5 – Aqueles que são incorporados em Cristo por uma fê verdadeira, e consequentemente são feitos participantes do seu Espírito vivificante, são abundantemente dotados de poder, para que possam lutar contra Satanás, contra o pecado, contra o mundo e contra a sua própria carne, e ganhar a vitória. Contudo, sempre (queremos que seja bem entendido) com o auxílio da graça do Espírito Santo, Jesus Cristo os ajuda, pelo seu Espírito, em todas as tentações, estende-lhes as suas mãos, apoia-os e fortalece (caso estejam prontos para lutar, queiram o seu socorro e não desistam de si mesmos), de modo que, por nenhum engano ou poder sedutor de Satanás, possam ser arrebatados das mãos de Cristo, conforme o que Cristo disse em João 10.28 “ninguém as arrebatará de minhas mãos”. Mas, se eles não são capazes de, por descuido, esquecer o início de sua vida em Cristo, novamente abraçar o presente mundo, se afastar da santa doutrina que uma vez lhes foi entregue, perder a sua boa consciência e negligenciar a graça, isto deve ser assunto de uma pesquisa mais acurada na Sagrada Escritura, antes que possamos ensiná-lo com inteira persuasão de nossas mentes. Esses artigos, assim definidos e ensinados, os Remonstrantes consideram estarem de acordo com a Palavra de Deus, idôneos para edificação, e, no que diz respeito a este argumento, suficientes para a salvação, de modo que não é necessário ou edificante acrescentar ou diminuir qualquer coisa.

O que fica nítido no documento formulado, assinado e apresentado pelos *Remonstrantes*, é que ele está em total concordância com os escritos de Armínio. E estes documentos, em um primeiro momento, obtiveram boa aceitação das autoridades dos Países Baixos, o que causou grande inquietação e descontentamento entre os perseguidores dos seguidores de Armínio. Contudo, isto mudaria devido ao contexto político da época (DANIEL, 2017, p. 265).

Para contextualizar, à época, os Países Baixos eram governados pelo príncipe Maurício de Orange-Nassau (1567-1625). E, cabe salientar que estiveram anos sobre o domínio da Espanha, país que tinha o Catolicismo Romano, como religião oficial. Lutaram durante muito tempo para conquistar sua independência. Nesta luta, houve um homem cujo papel fora importantíssimo, Johan Van Oldenbarnevelt (1547-1619) – que tornou-se

arminiano e defendia a tolerância religiosa –, que comandava os Estados Gerais. Ele negociou e assinou um tratado de paz com a Espanha, o que desagradou ao príncipe.

Com o advento da Reforma Protestante, efetuada por Martinho Lutero, anos antes, sabe-se que houve um distanciamento no que tange a teologia da Igreja Católica e, posteriormente, ocorreram também os movimentos Contrarreforma, com os Jesuítas Católicos. Com isto, acentuou-se uma dicotomia, uma disputa acirrada pela representatividade religiosa, e os Países Baixos adotaram o viés teológico protestante.

Com o formato Igreja/Estado, muito comum na Europa, era muito interessante que os Países Baixos adotassem uma teologia divergente à adotada pela Espanha, como mostra Brunelli (2017, p. 269), “Como a religião cristã e o Estado, na Europa, ainda mantinham fortes laços de poder, interessava à Holanda uma igreja que tivesse uma teologia que a distanciasse muito da Igreja Católica”. Os calvinistas, identificando esta oportunidade, “convenceram Maurício que uma das formas de garantir que os católicos espanhóis não encontrariam guarida em solo holandês seria fortalecendo o Calvinismo, pois o Arminianismo supostamente daria brechas para ‘a doutrina dos jesuítas’[...]” (DANIEL, 2017, p. 266).

Neste contexto, com o acordo fechado por Oldenbarnevelt e o descontentamento do príncipe é que a disputa se mostra muito mais política que teológica. Acerca disto, Justo González (2011, p. 314) diz:

Às questões teológicas, somaram-se os interesses políticos e econômicos. Debatia-se entre os holandeses qual deveria ser sua relação com a Espanha. A classe mercantil, que constituía uma verdadeira oligarquia, tinha interesse em manter boas relações com a Espanha, a qual contribuía para o comércio. Diante disso, o clero calvinista sustentava que tais relações corromperiam a pureza doutrinária da igreja holandesa.

Em alguns relatos históricos fica evidente que a disputa, ou o partidarismo de Maurício ao calvinismo tinha outras motivações, como o seu incômodo com o poder que vinha conquistando Oldenbarnevelt, como afirma o teólogo e jornalista Silas Daniel (2017, p. 266), “Maurício em nenhum momento estava interessado realmente na questão doutrinária, mas apenas no uso político dessa divergência teológica para atingir seu intento de tirar Oldenbarnevelt do seu caminho”.

Outra prova de que esta questão era endereçada é o fato de que Maurício era apenas um frequentador de igreja e que questões teológicas não eram muito interessantes a ele, assim como o fato dele ter como pregador em sua capela, na corte, um arminiano, amigo de Armínio e um dos líderes dos *Remonstrantes*, Uytenbogaert (BRUNELLI, 2017, p. 270).

Contudo, cabe aqui outra informação que vai demonstrar bem, que o labor teológico não era próprio do príncipe Maurício de Orange-Nassau, menos ainda o conhecimento teológico do lado adotado na questão, Motley (1874, p. 333) *apud* Daniel (2017, p. 267):

Conta Huttenus que, certa vez, ele havia ido até Maurício interceder por um desertor condenado a ser enforcado, quando o príncipe lhe perguntou: “Bem, pregador, você é um daqueles arminianos que dizem que uma criança nasce para a salvação e outra para condenação?”. Ao que Huttenus, espantado com a extraordinária confusão de Maurício, respondeu: “Sua excelência, quero gentilmente fazer uma observação de que esta não é a opinião daqueles que são chamados pelo nome odioso de arminianos, mas é a opinião de seus adversários”. Logo, disse o príncipe: “Bem, pregador, você acha que não conheço bem o assunto?”. E voltando-se para o conde Lewis William, de Friesland, que estava presente Maurício perguntou: “Quem está com a razão, primo? O pregador ou eu?”. Ao que o conde Lewis respondeu: “Não, primo. Você está errado”.

Tendo em vista os dados apresentados, fica evidente que a motivação não poderia, e chega até ser algo “curioso” que alguém consiga vê-la como sendo teológica ou doutrinária. Não havia o mínimo de conhecimento/entendimento – por parte do príncipe – do que estava em discussão naquela conturbada época. O que, por outro lado, fica claro, é seu ímpeto em tirar Oldenbarnevelt de seu caminho, como se pode ver em suas palavras, ainda antes do Sínodo, “Eu não sei nada de predestinação, se é verde ou se é azul; mas o que eu sei é que minha flauta e a de Oldenbarnevelt nunca tocarão a mesma melodia” (MOTLEY, 1874, p. 345 *apud* DANIEL, 2017, p. 267).

### **O Vergonhoso Sínodo de Dort**

A disputa ficou cada vez mais acirrada entre calvinistas e arminianos, e com o agravante da tomada de partido do príncipe Maurício de Nassau, única e exclusivamente interessado em diminuir a representatividade de Oldenbarnevelt nos Países Baixos, houve algumas reuniões com a tentativa de conciliação, e mais, algumas perseguições que não ficavam mais restritas aos documentos disseminados entre o povo.

Em 1611, ocorreu a Conferência de Haia, que foi idealizada e promovida pelos Estados da Holanda. Nesta, foram reunidos proponentes/defensores de cada linha teológica, especificamente seis calvinistas e também contou com seis arminianos, mas novamente não houve consenso. A partir deste episódio, a recomendação era que imperasse o respeito mútuo entre as duas partes. Houve reuniões como essas, que visavam um entendimento, também nos anos de 1613, 1614 e 1617. Todavia, em nenhuma delas chegou-se a um denominador comum e, após isto, deu-se início aos ataques físicos contra os arminianos na Holanda, como em

dezembro daquele mesmo ano, quando calvinistas atacaram e tomaram uma igreja arminiana em Klostergrab (MOTLEY, 1874, p. 1156 *apud* DANIEL, 2017, p. 267).

Segundo Daniel (2017, p. 267), com estas perseguições, os arminianos tinham como membros, Oldenbarnevelt e outro grande expoente, que era o jurista Hugo Grotius – pai do direito internacional –, que intercediam, junto aos Estados Gerais, por um entendimento, ou pelo menos pelo respeito dos calvinistas para com os *Remonstrantes*, o que, assim como nas reuniões, não surtiu efeito algum.

Os calvinistas já eram maioria no clero holandês, e a ideia de promover um sínodo – idealizado pelos próprios calvinistas – era agradável ao príncipe, pois ao condenar o arminianismo, também condenaria Johan Van Oldenbarnevelt, pelo seu apoio a esta “heresia”. Sabendo disso, e também das intenções do príncipe, Oldenbarnevelt procurava de resistir a esta ideia, da realização de um sínodo (DANIEL, 2017, p. 268).

Com esta polarização, e o crescimento dos calvinistas, as perseguições ficavam ainda mais severas como se pode perceber no relato da invasão da casa de Bern Bischof, irmão de Simão Episcópio:

A casa, uma mansão elegante em uma das principais ruas, foi sitiada e, depois de uma hora de resistência, carregada pela tempestade. [...] A dona da casa, meio vestida, escapou pela parte de trás do prédio e foi perseguida pela multidão, que carregava paus e pedras, e clamava ‘Matem prostituta arminiana! Golpeiem-na até a morte!’. Perseguiram-na até que ela, felizmente, encontrou refúgio na casa de um carpinteiro vizinho. Lá, a criatura caçada caiu sem sentidos no chão e o senhor da casa se recusou a desistir dela, embora a multidão enlouquecida jurasse que se a ‘prostituta arminiana’, uma tão respeitável mãe de família que vivia naquela cidade, não fosse entregue, eles rasgariam a casa em pedaços.

Enquanto estavam à espera da pilhagem e da matança, o próprio Bern Bischof voltou para sua mansão, que fora completamente saqueada; cada artigo portátil de valor, linho, dinheiro e mobília, foi levado para fora; as fotos e objetos foram destruídos e a casa, esvaziada de cima para baixo. Mil espectadores olhavam placidamente para o trabalho de destruição à medida que retornavam da igreja, muitos deles com a Bíblia e o hinário em suas mãos. O senhor [o carpinteiro que socorreu a esposa de Bischof] efetuou sua fuga sobre o telhado de um edifício adjacente. Um dos cabeças [dos ataques], um carpinteiro de profissão, foi preso carregando uma braçada de saque valioso. [...] Na quinta-feira seguinte, dois anciãos do conselho da igreja esperaram [Bischof] e informaram-lhe que ele deveria no futuro se abster do culto de comunhão (MOTLEY, 1874, p. 157 *apud* DANIEL, 2017, p. 269).

Com toda esta efervescência nos Países Baixos, entre tantos outros acontecimentos que movimentaram o povo, aproveitaram-se desta oportunidade e aprovaram a realização do Sínodo de Dort. Não sendo o bastante, ainda prenderam Oldenbarnevelt, Hugo Grotius e outros nobres arminianos.

Mas, o caso de Oldenbarnevelt revelou novamente que a prioridade era, sem dúvida alguma, de encarcerá-lo a fim de silenciá-lo, como se pode ver nos relatos acerca de sua prisão, “Oldenbarnevelt ficou preso em confinamento restrito, saindo da prisão apenas para comparecer às mais de 60 audiências de seu julgamento” (DANIEL, 2017, p. 270).

Segundo Daniel (2017, p. 270), também montaram uma comissão especial, que haveria de julgar Oldenbarnevelt:

Ele foi julgado por um tribunal montado extraordinariamente para o caso, formado por 24 magistrados, sendo quase todos eles inimigos pessoais do advogado-geral. Nesse período, o grande apoiador da causa arminiana não teve direito a consultar documentos nem a apresentar uma defesa por escrito.

Johan Van Oldenbarnevelt foi perseguido, julgado por um grupo de magistrados que eram inimigos declarados do réu, sem direito a consultar documentos, ficando restrito à sua memória para montar sua defesa, e sem a condição de, ao menos, saber quais eram as acusações das quais deveria se defender. Por fim, declarado culpado, mas, “curiosamente” sua sentença só foi executada três dias após a finalização do Sínodo de Dort:

Convenientemente, a execução de Oldenbarnevelt só saiu três dias depois do final oficial do Sínodo de Dort: 12 de maio de 1619. O advogado-geral, aos 71 anos, foi decapitado em Haia, acusado, dentre outras coisas, de “ter perturbado a religião, afligindo grandemente a Igreja de Deus”; de ter defendido que “cada província tinha o direito de regular assuntos religiosos dentro dos seus territórios”; de ter se colocado “contra o Sínodo Nacional”, ; de “permitir que teólogos insensatos fossem nomeados para os ofícios da igreja e empregassem tais funções em assuntos políticos que provavelmente seriam os instrumentos de seus propósitos”; e de ter prejudicado “os da verdadeira religião” (MOTLEY, 1874, pp. 356-357 *apud* DANIEL, 2017, p. 272).

Contudo, o Sínodo de Dort<sup>13</sup> foi votado, aprovado e aconteceu. Este sínodo não teve nenhuma intenção de julgar a questão doutrinária da igreja nos Países Baixos, mas sim, de condenar o arminianismo. O objetivo nunca foi fazer um levantamento das questões, ponderá-las e por fim dar-se um veredito conforme a apuração dos fatos. Foi um julgamento que todos sabiam que havia sido planejado, organizado e efetuado a fim de condenar os *Remonstrantes*, e mais, com um desejo vil de condenar alguns que faziam parte deste grupo e que significavam certa ameaça ao poder político vigente.

Sobre a formação do Sínodo de Dort, Justo González (2011, pp. 314-315);

Essa assembleia, que se conhece como “Sínodo de Dort” reuniu-se desde novembro de 1618 até maio de 1619. O propósito dos estados gerais ao convocá-lo foi conseguir o apoio não somente dos calvinistas no país, mas também do restante da Europa. Por isso, eles estenderam convites a outras igrejas reformadas, e um total de vinte e sete delegados apresentaram-se,

---

<sup>13</sup> Dort é a abreviação de Dordrecht, cidade onde foi realizado o Sínodo.

desde a Grã-Bretanha, Suíça e Alemanha (os franceses não puderam assistir porque Luís XIII os proibiu). Os holandeses eram quase setenta, dos quais aproximadamente a metade eram ministros e professores de teologia, a quarta parte anciãos leigos e o restante membros dos Estados gerais.

Fica claro o que eles intentavam e, de fato conseguiram reunir calvinistas de toda a Europa para participar deste sínodo, desta assembleia. Contudo, note que a formação deste evento/julgamento obteve apenas representantes de um dos lados da disputa. Os *Remonstrantes* não tiveram participação efetiva, o que seria natural, para a exposição de seus pontos. Para um melhor esclarecimento, Wynkoop, (2004, p. 66) *apud* Brunelli (2016, pp. 271-272) especifica a formação desta assembleia, como se deu, mais detalhadamente:

Compareceram 13 remonstrantes, liderados por Simon Episcopius, os quais ficaram confinados numa sala à parte. Não tiveram direito a assento. Foram tratados como réus. Foi permitido a eles falarem na vigésima segunda sessão, para defender sua doutrina. O sínodo foi presidido John Bogerman (1576-1637), pregador calvinista que defendia a pena de morte aos arminianos. Em compensação, havia 102 calvinistas holandeses ortodoxos e 28 delegados de países estrangeiros.

O Sínodo de Dort, definitivamente não foi uma assembleia em que se buscasse o esclarecimento e a compreensão da teologia arminiana, apresentada pelos *Remonstrantes*, para confrontá-la de forma justa, a fim de se dar um parecer que fosse digno de confiança. Primeiramente, porque a formação era absolutamente calvinista. Ora, desta forma seria impossível que houvesse a mais ínfima possibilidade de um resultado que não fosse favorável ao calvinismo.

Na citação feita por Walter Brunelli, diz que foram tratados como réus, mas eles foram convocados exatamente como réus, embora se tentasse dar uma aparência diferente:

Para dar uma aparência de justiça, o sínodo contou com alguns depoimentos de remonstrantes, mas sob as seguintes regras: os treze remonstrantes intimados para comparecer ao Sínodo não teriam assentos como delegados, pois estavam sendo convocados como réus, logo todos teriam seu direito de voto impedido; os remonstrantes não poderiam participar das reuniões e de seus debates – eles ficavam em uma outra sala, esperando serem chamados pelo presidente do sínodo para falar apenas o que fosse pedido –; depois de darem um depoimento, voltavam imediatamente à tal sala, sem terem direito à tréplica; os remonstrantes não escolheram seu representantes, mas, sim, o sínodo; e os remonstrantes só poderiam responder em latim. Somente na vigésima segunda sessão do sínodo lhes foi permitido aparecer para defender sua posição, sendo que só um poderia falar, representado todos (no caso, Simão Episcópio); depois, eles só puderam apresentar sua posição por escrito e, meses antes do sínodo acabar, os remonstrantes foram simplesmente dispensados do sínodo(sic)! (DANIEL, 2017, p. 273).

Para reforçar, novamente a ideia de que o Sínodo de Dort fora premeditadamente promovido para a condenação dos arminianos, pode-se evocar novamente as palavras do teólogo cubano Justo González (2011, p. 315):

As primeiras sessões do Sínodo trataram de diversos assuntos administrativos. Decretaram que se produziria uma nova tradução da Bíblia em holandês. **Mas o propósito principal da Assembleia era condenar o arminianismo**, para, desse modo, conseguir o apoio do restante das igrejas reformadas nas brigas internas que dividiam a Holanda. Portanto, os decretos do Sínodo de Dort, no que se refere à teologia, eram dirigidos contra os arminianos. Ainda que a assembleia não tenha aceito as teses mais extremas de Gomaro (que era um dos seus membros), concordou com ele na necessidade de condenar o arminianismo [negrito nosso].

Mas, qual foi o saldo do Sínodo de Dort para os arminianos, “O resultado do Sínodo de Dort foram cerca de 200 pastores destituídos de suas funções e exilados [...]”. (DANIEL, 2017 p. 274).

Entretanto, mesmo com todas as informações apresentadas, demonstrando que o Sínodo de Dort não inspira confiança para com as decisões que ali foram tomadas, tendo em vista suas motivações políticas, todas as manobras que foram feitas, a qualquer preço para promover a assembleia, uma das declarações mais fortes sobre o resultado do Sínodo vem de um rei:

Sobre o Sínodo de Dort, o rei Tiago I, da Inglaterra, que inicialmente aprovava a realização do conclave, enviando uma representação britânica, diria também, uma ano depois daquela decisão: “Essa doutrina [definida nos cânones de Dort] é tão horrível que eu estou persuadido de que se houvesse um concílio de espíritos imundos reunidos no inferno, e seu príncipe, o Diabo, fosse colocar a questão a todos eles em geral, ou a cada um em particular, para obter sua opinião sobre o meio mais provável de incitar o ódio dos homens contra Deus, seu Criador, nada poderia ser inventado por eles que seria mais eficaz para este propósito, ou que poderia colocar uma afronta maior sobre o amor de Deus pela humanidade, do que esse infame decreto do recente Sínodo [de Dort] (NICHOLS, 1825, 213 *apud* DANIEL, 2017 p.275).

Diante desta afirmação, quanto ao resultado do Sínodo de Dort, não cabe mais nenhum comentário que possa sobressair a este. E ele nem está diretamente relacionado às motivações escusas que serviram de motor para esta assembleia, mas sim ao resultado dela, que é o que conhecemos hoje como a teologia determinista calvinista. Que através de uma manobra política ganhou notoriedade nos Países Baixos, mesmo sendo a custo de terror e sangue.

## ESPANTALHOS CRIADOS POR DESCONHECIMENTO E/OU DESONESTIDADE INTELECTUAL

Uma tendência triste nos debates “acadêmicos” hodiernos é a volúpia pelo apologismo vazio de um propósito sadio, visto apenas como uma disputa campal, que se utiliza – por muitas vezes – de meios escusos a fim de demonstrar e/ou impor um ponto de vista professado e disseminar uma ideia, crença, ideologia, práxis e afins.

A característica do debate produtivo seria a apresentação fidedigna dos pontos adotados, contudo, ainda mais dos pontos a serem refutados, pelo menos dentro do ambiente cristão, como manda a ética, e principalmente porque é marca do caráter cristão e, não deixa de ser um fruto, uma evidência do Espírito Santo.

O arminianismo, historicamente, tem sofrido bastante quando tratado por seus oponentes, sendo objeto de exposições extremamente distorcidas, desprovidas até mesmo de conhecimento – ou desonestidade intelectual – básico dos textos de Armínio, dos *Remonstrantes* e, dos arminianos posteriores.

Não há intenção de pressupor que não haja nenhuma distorção, nem que algum outrora arminiano não tenha ensinado coisas estranhas ao pensamento de Jacó Armínio. Um exemplo disto é o que se chama arminianismo de coração ou clássico, que são aqueles que seguem as ideias de Armínio; todavia, também existe uma linha que é conhecida como arminianismo de cabeça, este, extremamente liberal. Portanto, quando a referência for feita ao arminianismo, entenda-se o de coração ou clássico.

### **“O arminianismo é uma teologia antropocêntrica”**

Uma das acusações mais comuns, principalmente – ou até estritamente – nos arraiais calvinistas é de que o arminianismo é uma teologia antropocêntrica, ou seja, centrada no homem. Precisamente, a acusação deles é que o arminianismo negue a total depravação humana, em decorrência da Queda, e seus efeitos na posteridade.

O arminianismo, no tocante a sua soteriologia, é uma sistematização sinérgica, ou seja, que propõe uma cooperação Divino-humana. Mas, esta cooperação por muitas vezes é distorcida, por incompreensão, no sentido de que muitos alegam que o sentido de sinergia compreende duas partes que cooperam de forma equivalente, mas isto não se aplica. O

conceito de sinergia<sup>14</sup> compreende cooperação, mas não de forma equivalente. Com isto, eles buscam disseminar um entendimento de que o arminianismo tem uma visão que prega a suficiência do homem para a salvação.

Os calvinistas alegam que o arminianismo prega uma antropologia otimista, que nada mais quer dizer que, o homem não é total ou parcialmente depravado, e às vezes até que o homem nasce bom, e o que o corrompe é o meio. Acerca desta afirmação errônea, comenta de forma até cômica o teólogo norte-americano Roger Olson (2013, p. 176):

Um dos equívocos mais predominantes e prejudiciais acerca do arminianismo é que ele seja centrado no homem, pois acredita na habilidade inata dos humanos em exercitar a boa vontade para com Deus e de contribuir com a salvação, mesmo após a queda de Adão. Outra forma de expressar o mito é que o arminianismo não acredita que as consequências da queda da humanidade sejam verdadeiramente devastadoras; portanto, acredita que, na esfera moral e espiritual, o livre-arbítrio humano sobreviveu à Queda, e que, na pior das situações, os humanos são mercadorias estragadas, mas não totalmente depravadas.

Chega a ser intrigante, de fato, que ainda se tenha que esclarecer esta distorção infundada, pois as literaturas escritas por Jacó Armínio, os artigos da *Remonstrância* estão disponíveis a quem realmente queira conhecer a sistematização e, o real entendimento arminiano acerca da inabilidade do homem para qualquer tipo de movimento em direção a Deus ou a qualquer ação que seja positiva sem o auxílio da graça.

Acerca desta questão, pode facilmente ser desmistificada, recorrendo a qualquer texto de Armínio quanto à condição humana pós-Queda ou, de um arminiano clássico, pois eles jamais defenderão a capacidade inata do homem para a salvação ou para qualquer bem espiritual. Para tanto, Armínio enfaticamente afirma:

Mas em seu estado de descuido e pecado, o homem não é capaz de pensar, nem querer, ou fazer, por si mesmo, o que é realmente bom; pois é necessário que ele seja regenerado e renovado em seu intelecto, afeições e desejos, e em todos seus poderes, por Deus, em Cristo, por intermédio do Santo Espírito, para que possa ser corretamente qualificado para entender, estimar, considerar, desejar e fazer aquilo que realmente seja bom. Quando ele é feito participante dessa regeneração ou renovação, considero que, estando liberto do pecado, ele é capaz de pensar, de querer e fazer aquilo que é bom, mas ainda não sem a ajuda da graça divina (ARMÍNIO, 2015, p. 231).

Mas, pode-se citar também um seguidor direto de Armínio, Simão Episcópio (1684, pp. 118-204) *apud* Daniel (2017, p. 356), a fim de ratificar este pensamento arminiano clássico: “Sem ela [a graça de Deus] nós não podemos nos libertar do fardo do pecado nem

<sup>14</sup> Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/sinergia>. Acesso em: 08 abr. 2020.

fazer, de jeito nenhum, qualquer coisa verdadeiramente boa na religião, nem finalmente algum dia escapar da morte eterna ou de qualquer punição de pecado”.

Os textos são bem claros em seu conteúdo, não deixando o mínimo de possibilidade de uma interpretação positiva quanto ao estado humano. Portanto, quanto a esta acusação, ou pode-se atribuir ao desconhecimento – por desinteresse – da teologia arminiana, como também pode ser decorrente da reprodução de tradições orais em pleno século XXI. Como também pode ser uma evidência de que exista, de fato, quem se utilize de desonestidade intelectual, a fim de desinformar. Afinal, uma das táticas mais utilizadas pelos calvinistas antes e durante o Sínodo de Dort foi a desconstrução da imagem e do pensamento remonstrante.

Algumas acusações que fizeram à Armínio, utilizando esta ferramenta de desconstrução de sua imagem foram as de que ele seguia uma linha antropológica otimista, de ser partidário e, até mesmo de ser, secretamente, um Jesuíta, ou de ser um “tomista<sup>15</sup> modificado”, sempre com o intuito de relacioná-lo ao catolicismo romano.

Mas, contrário a esta acusação, William Witt (1993, p. 479) *apud* Olson (2013, p. 183), “Independentemente do que seja verdadeiro acerca dos sucessores da teologia arminiana, ele mesmo mantinha a doutrina da escravidão da vontade, que é, em todos os aspectos, tão incisiva quanto qualquer coisa em Lutero ou Calvino”.

Para fechar esta questão, tratando de um fato histórico, o teólogo e historiador cubano Justo L. González acerca desta acusação:

Sobre a questão da depravação total, tanto os remonstrantes quanto o Sínodo de Dort tem sido frequentemente mal interpretados. A noção comumente sustentada, que os remonstrantes negaram a total depravação e que Dort afirmou, não é completamente acurada. Os remonstrantes efetivamente “que o ser humano ... no estado de apostasia e pecado, não pode por si mesmo pensar desejar ou fazer qualquer coisa que seja verdadeiramente boa”. Dort, por outro lado afirmou que “permaneceu, entretanto, no homem, desde a queda, um vislumbre de luz natural, pelo qual ele retém algum conhecimento de Deus, das coisas naturais e da diferença entre o bem e o mal, e descobre alguma apreciação pela virtude, boa ordem na sociedade e por manter um comportamento externo regular” (GONZÁLEZ, 2004, p. 288).

Portanto, esta acusação de que Armínio defendia uma antropologia otimista, negando a depravação total, que é um ponto importantíssimo da teologia cristã no pós Reforma Protestante não passa de um “espantalho”, a fim de denegrir a teologia de Armínio, dos *Remonstrantes* e de alguns arminianos posteriores. Contudo, como já exposto neste texto,

---

<sup>15</sup> Referência ao teólogo medieval católico Tomás de Aquino.

existem aqueles que se declaram “arminianos”, mas se desviaram da sistematização clássica de Armínio, a estes cabe esta acusação, pois adotaram uma teologia liberal. Entretanto, quando esta acusação é feita ao arminianismo clássico, torna-se descabida, falaciosa e até mesmo desonesta.

### **“O arminianismo nega a soberania de Deus”**

No tocante a teologia como um todo, arminianos e calvinistas divergem na interpretação de alguns pontos, e um deles é a soberania de Deus. Por isto, calvinistas, historicamente acusam os arminianos de negarem a soberania de Deus, acusação esta, que não condiz com a verdade, pois os arminianos acreditam e afirmam a soberania de Deus, só que de forma diferente da calvinista.

Mas, será que estes que fazem estas acusações leram os escritos de Armínio? Como dito no ponto sobre a sua suposta teologia antropocêntrica, boa parte destas pessoas que fazem estas acusações, melhor dizendo, reproduzem, pois não buscaram compreender, não foram às fontes, que são o próprio Armínio e os *Remonstrantes*, mas disseram daquilo que ouviram/leram de terceiros, o que não agrega respaldo algum às suas críticas. A este coro junta-se o teólogo norte-americano Roger Olson (2013, pp. 149-150) ao dizer:

Os arminianos ficam mais do que pasmos com estas afirmações calvinistas acerca da teologia arminiana. Eles leram Armínio sobre a providência de Deus? Eles leram alguma literatura arminiana clássica acerca deste assunto ou estão simplesmente fazendo uso de relatos de terceiros acerca da teologia arminiana? A minha impressão é que muitos calvinistas críticos do arminianismo jamais consultaram Armínio ou a teologia arminiana.

Calvinistas tem uma compreensão da soberania como sendo absoluta, como já visto neste escrito, para eles Deus determina todas as coisas, e nada acontece que não seja por seu eterno e divino conselho, o que automática e necessariamente o torna responsável por todas as coisas, inclusive pela Queda e o pecado como um todo. Seguindo este conceito calvinista de soberania, realmente, os arminianos não se enquadram.

Os arminianos têm uma interpretação diferente da soberania de Deus, pois não admitem a visão determinista, pelo fato de sua conclusão lógica apontar Deus como o autor do mal:

A única coisa que a visão arminiana da soberania de Deus necessariamente exclui é Deus como o autor do pecado e do mal. Os seguidores fiéis de Armínio sempre creram que Deus governa todo o universo e toda a história. Nada, de jeito algum, pode acontecer sem a permissão de Deus, e muitas coisas são específicas e diretamente controladas e causadas por Deus. Até mesmo o pecado e o mal não escapam do governo providencial na teologia

arminiana clássica. Deus os permite e os limita sem os desejar ou causa-los (Olson, 2013, p 150-151).

O arminianismo não coaduna com a interpretação determinista da soberania, mas isto não quer dizer que negue a soberania. Os arminianos clássicos, que fique claro, como dito por Roger Olson, creem que Deus é totalmente soberano, no sentido de que tudo parte d'Ele, como sendo a causa primeira de todas as coisas, pois é o Criador de todas as coisas.

Mas, para uma melhor compreensão, é preciso conhecer a doutrina da providência, adotada tanto por calvinistas quanto arminianos, pois eles “afirmam e aderem à providência especial de Deus, na qual ele não apenas sustenta a ordem natural como também atua de formas especiais em relação à história, incluindo a história da salvação” (OLSON, 2013, p.151).

A discordância se dá em um dos aspectos desta providência, que é o governo de Deus, para os calvinistas, cabe salientar novamente, é determinativa, nada escapa, nem em seus mínimos detalhes da determinação divina. Já para os arminianos, Deus é soberano, a causa primeira de tudo, mas não de forma determinativa:

Considero a Providência Divina como “aquela solícitude continuada, e a universalmente presente inspeção e supervisão de Deus, segundo a qual Ele exerce um cuidado geral sobre todo o mundo, mas evidencia uma preocupação particular com todas as suas criaturas [inteligentes], sem qualquer exceção, com o objetivo de preservá-las e regê-las em sua própria essência, qualidades, ações e paixões, de uma forma que é ao mesmo tempo digna de si mesmo e adequada para eles, para o louvor do seu nome e para a salvação dos crentes”. Nesta definição da Providência Divina, de forma alguma eu a privaria de qualquer partícula dessas propriedades que concordam com ela ou que lhe pertencem; mas declaro que ela preserva, regula, governa e dirige todas as coisas, e que nada no mundo acontece por sorte ou por acaso. Junto com a Providência Divina, coloco em sujeição tanto o livre-arbítrio e até mesmo as ações de uma criatura racional, de modo que nada pode ser feito sem a vontade de Deus, nem mesmo qualquer uma daquelas coisas que são feitas em oposição e ela; entretanto, devemos observar uma distinção entre boas e más ações, ressaltando que “Deus deseja e realiza boas ações”, mas que aquelas que são más “Ele apenas as permite livremente”. Indo ainda mais longe que isso, eu muito prontamente concordaria que até mesmo todas as ações, de qualquer natureza, a respeito do mal, que podem eventualmente, ser reais ou inventadas, podem ser atribuídas à Providência Divina, devendo ser empregada apenas uma cautela “para não se concluir, a partir desta concessão, que Deus é o causador do pecado” (ARMÍNIO, 2015, p. 230).

Como verificado, Armínio não nega a soberania de Deus, mas claramente a concebe de maneira diferente. Tudo tem origem em Deus, absolutamente tudo foi feito a partir de sua vontade e poder. Mas, Deus no uso de sua onipotência, ou seja, no seu infinito poder, decide dotar o homem de liberdade, e daí surge a pecaminosidade, que também não foi algo que

surpreendeu ao Senhor. Todos os atos dos seres humanos, tudo o que acontece no mundo tem como causa primária, Deus, “porquanto nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou dominações, sejam governos ou poderes, tudo foi criado por Ele e para Ele” (cf. Cl 1. 16).

Armínio é muito claro ao atribuir tudo a Deus:

Os meus sentimentos a respeito da providência de Deus são os seguintes: ele está presente em todas as coisas, e as preside; e todas as coisas, conforme suas essências, quantidades, qualidades, relações, ações, paixões, lugares, tempos, estações e hábitos, são sujeitas ao governo, à conservação e à orientação da providência. Eu não excetuo nenhuma coisa particular, terrena, vil nem contingente, nem mesmo o livre-arbítrio de homens ou anjos, seja ele bom ou mau. E, além disso, não tiro do controle da divina providência nem mesmo os próprios pecados, quer consideremos seu início, seu progresso ou seu fim (ARMÍNIO, 2015, p. 402).

Concluindo, o teólogo Jacó Armínio que tanto foi acusado de negar a soberania de Deus, nunca o fez, só alguém que não conhece o mínimo de seus escritos ou de seus seguidores pode afirmar uma coisa destas. Ele apenas a trabalha de forma diferente, não determinativa, fazendo com que Deus possa ser visto como o autor da Queda, e conseqüentemente dos pecados.

Deus governa todas as coisas, e estas também tiveram como sua causa primeira Deus, mas através de sua vontade permissiva, ou seja, Deus intencionalmente permitiu tais coisas, o que não o faz, em nenhuma instância a causa eficaz da malignidade e seus efeitos. Deus

### **“O cerne do arminianismo é o livre-arbítrio, é semi-pelagiano”**

Outra caricatura que é difundida como sendo parte da teologia arminiana, é que ela tem questões muito ligadas e, até mesmo que sua concepção da salvação seja intimamente ligada ao livre-arbítrio, de forma a colocá-lo acima de todas as coisas e, como se a liberdade fosse a causa da salvação do cristão.

E isto, em parte, é reforçado por equívocos que são cometidos na exposição da soteriologia arminiana. Mas, o pior é quando isto acontece por um veículo de altíssima circulação, de uma enorme denominação, que embora não arrogue para si o título de arminiana, tem toda a soteriologia arminiana contida em sua declaração de fé.

Há algum tempo, em uma revista produzida pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, que é utilizada para dar aulas em escolas bíblicas dominicais de suas igrejas e, de tantos outros ministérios, trouxe uma declaração que gerou muita polêmica, ao afirmar que “A principal característica do arminianismo é o livre-arbítrio” (POMMERENING, 2017, p. 58).

Tal tipo de equívoco abre espaço para aqueles que almejam denegrir a teologia arminiana, ainda mais extraído de um material produzido por uma das maiores denominações do Brasil. Também abre espaço para acusações infundadas e maliciosas, de que o arminianismo é semi-pelagiano, doutrina esta, que supervaloriza o livre-arbítrio. Referente a esta acusação, comenta Kelly (1994, pp. 289-291) *apud* Vinícius Couto (2014, pp. 24-25):

Um dos principais mitos sobre o arminianismo, é que este tem sido acusado erroneamente de ser uma doutrina semipelagiana por parte de alguns eminentes teólogos calvinistas. Esta antiga heresia é oriunda dos ensinamentos dos massilianos, liderados principalmente por João Cassiano (433 d.C), o qual tentou construir um elo entre o Pelagianismo, que negava o pecado original, e Agostinho, que defendia a eleição incondicional sobre o fundamento de que todos os homens nascem espiritualmente mortos e culpados do pecado de Adão. Cassiano acreditava que as pessoas são capazes de se voltarem para Deus mesmo à parte de qualquer infusão da graça sobrenatural. Isto foi condenado pelo Segundo Concílio de Orange no ano de 529.

O semipelagianismo é comum na teologia católica, esta ênfase na capacidade humana de ir até Deus sem o auxílio da graça, é o que coloca o livre-arbítrio como a principal característica de uma teologia, pois ele é o motivador da inclinação humana para o Divino.

Esta afirmação, de que a principal característica do arminianismo é o livre-arbítrio, pode ser desfeita com apenas algumas palavras do teólogo holandês, “Como fica claro a partir desta afirmação, de maneira nenhuma cometo alguma injustiça à graça, atribuindo, como é relatado de mim, uma quantidade excessiva de coisas ao livre-arbítrio do homem” (ARMÍNIO, 2015, p. 232).

Com isto, percebe-se que Armínio já lutava contra estas afirmações escusas em sua época, mas ele negava, veementemente, que atribuísse muito ao livre-arbítrio. Armínio era, definitivamente, um teólogo da graça, pois ele atribui tudo, absolutamente tudo à graça divina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, através de uma densa pesquisa bibliográfica, apresentou fatos históricos acerca da vida do teólogo holandês Jacó Armínio, desde a sua infância, desenvolvimento, controvérsia e contribuição teológica para o protestantismo holandês e mundial. Esta pesquisa compreendeu diversas literaturas, desde os escritos do próprio Armínio, seus seguidores próximos e contemporâneos, como também literaturas de cunho teológico calvinista, corrente divergente que também foi trabalhada para uma melhor compreensão do desenrolar histórico da controvérsia.

Como se pôde observar no escrito, Armínio nasceu em Oudewater por volta de 1560, e passou por grandes dificuldades, ainda muito jovem, com a morte de seu pai e as dificuldades decorrentes desta situação. Mesmo com tantos imprevistos, sempre foi muito estudioso e, com isto, teve uma excelente formação através do auxílio de homens piedosos que identificaram capacidade no jovem, e se compadeceram da situação de Armínio, sua mãe e seus irmãos. Contudo, até mesmo neste processo de formação, o jovem ainda foi afligido por mais uma tragédia, quando toda sua família foi morta durante a invasão espanhola nos Países Baixos.

Apesar de toda a dificuldade, Armínio teve uma excelente formação, estudou nas Universidades de Utrecht, Marpurg, Basileia, Genebra, esta com o sucessor de João Calvino, Teodoro Beza, que também reconheceu a capacidade de Armínio, e ainda estudou em Leiden, onde posteriormente se tornou professor e reitor.

Jacó Armínio ainda serviu à igreja, como pastor, em Leiden. Ele sempre foi alguém que gozou da admiração daqueles que estavam com ele, que o viam como um homem extremamente piedoso, que se dedicava ao povo incondicionalmente, até mesmo aos que por tantos anos o perseguiram, Armínio sempre se utilizou do máximo de educação e decoro, em meio às disputas.

O momento mais conturbado da vida de Jacó Armínio foi à controvérsia em que ele se evoluiu ao discordar da visão determinista oriunda da teologia de João Calvino, teólogo francês que passou boa parte de sua vida em Genebra onde construiu grande parte de sua vasta literatura teológica.

Calvino defendia uma visão conhecida como predestinação determinista, onde Deus controla todas as coisas, em seus mínimos detalhes e que nada pode fugir das suas mãos ou da sua vontade. Ou seja, nesta visão, tudo o que acontece, quer seja bom, quer seja mau, é

determinado por Deus, o que o faz em uma conclusão lógica simples, autor da Queda e do pecado.

Armínio foi convidado a se envolver em uma controvérsia que se desenrolou com os ministros de Delft, que rejeitavam esta visão calvinista e estavam causando desconforto ao responderem de forma contundente aos que lhes questionavam em debate, e por muitas vezes com um poder de persuasão que estava causando dúvidas em muitos adeptos da teologia de João Calvino.

Jacó Armínio, ao se envolver nesta questão, fez um profundo exame da teologia histórica, passando pelos patriarcas e por teólogos posteriores e, começou a perceber que a doutrina calvinista, seja ela o supralapsarianismo de Beza ou infralapsarianismo não se sustentavam a partir de um exame aprofundado das Escrituras, e a partir daí ele desenvolve a teologia que passou a levar o seu nome.

Ele desenvolveu sua soteriologia, que era sinérgica, não determinista, onde Cristo morreu por todas as pessoas indistintamente e, que neste processo havia o aspecto da condicionalidade na obra salvífica. Visão que diverge muito da calvinista, que era predominante na época. E assim também prosseguiram seus seguidores próximos, que são conhecidos historicamente como *Remonstrantes*, ao documentar os pontos de vista de Armínio acerca da obra da salvação, e também por “defende-los” no Sínodo de Dort.

Entretanto, o presente escrito foi desenvolvido com a finalidade de exemplificar e demonstrar que a soteriologia arminiana é totalmente fundamentada em um dos pilares da Reforma Protestante, o *Sola Gratia* (Somente a Graça) e, conseqüentemente, dependente da graça de Deus para existir. Embora muitos neguem este fato, Armínio não conseguiria sistematizar sua teologia sem ela, pois tudo o que acontece de bom, ele atribui à ação preveniente/preventiva da graça de Deus.

O arminianismo é uma teologia muito bem trabalhada e sistematizada. Para ele a depravação do homem é total e predominante em seu comportamento e, que este não tem a capacidade de escolher outra coisa que não seja inclinar-se ao pecado. Esta depravação é consequência da Queda do primeiro homem, Adão, que embora tenha sido criado perfeito e, que de nada tivesse falta, através do seu livre-arbítrio e não pela predeterminação divina, cedeu à tentação e caiu.

Para Armínio, a Queda teve origem em Deus, pelo fato d’Ele ser o criador de todas as coisas, assim nada pode acontecer que seja livre de seu Criador. Com isto, mesmo Deus não sendo quem determinou o pecado, como criador de todas as coisas indiretamente coopera o

tornando possível, através de sua vontade permissiva, sendo assim, ele – o pecado – só pode acontecer através da liberdade com a qual Deus dotou o homem.

Na sistematização arminiana, é somente através da atuação da graça preveniente, restaurando o livre-arbítrio, que o homem é liberto do poder do pecado e tem a capacidade de responder ao chamado da obra salvífica de Jesus Cristo. Sem a atuação desta graça que liberta, restaura e coopera, o homem nada pode fazer que seja verdadeiramente bom. Ou seja, a graça de Deus é quem inicia todo o processo de salvação, assim como coopera em tudo com o homem.

No tocante ao sacrifício feito por Cristo na cruz do calvário, ele afirma que foi em benefício de todos indistintamente, com uma única condição, a fé. Cristo se entrega pelo resgate de todos, ainda quando eram pecadores, demonstrando que a graça está disponível a todos quanto o aceitarem, através da fé, como único e suficiente salvador de suas vidas. Esta é outra prova de que Armínio trabalhava sua teologia através dos méritos de Cristo, mediante a sua graça, para a salvação de todos aqueles que outrora eram, em decorrência do pecado, inimigos de Deus.

No tocante a eleição, Armínio a entende como condicional, pois Deus, apesar de ser soberano, não trata sua criação como autômatos, ou seres sem vontade, robotizados. Deus sempre quis relacionar-se com sua criação, desde o Éden, quando aparecia na viração do dia para falar com Adão e Eva, e isso também acontecia com o povo de Israel. O Senhor não poderia ter um relacionamento verdadeiro se determinasse quem creria n'Ele ou não, isso só mostraria uma tirania no Criador.

Ao invés disto, mesmo tendo todo o poder para fazer qualquer coisa que lhe pareça boa, para Armínio, o Senhor demonstra toda a sua graça ao prover todos os meios para que a humanidade caída chegue ao seu conhecimento e, conseqüentemente ao relacionamento com Ele. Isto é a mais pura expressão da graça de Deus, ao ter todo o poder nos céus e na terra, Ele criar meios, para que uma raça caída, pecadora, digna de punição, possa ser restaurada, para assim, através de sua imensa misericórdia, criar um relacionamento verdadeiro com Ele, isto é graça.

Contudo, mesmo Deus dispensando toda esta graça sobre humanidade, ainda assim, é possível que se resista a ela, pois Ele restaura o livre-arbítrio do homem, mas não o coage a aceitá-la. Esta é outra face da graça de Deus, em consonância com sua justiça, pois mesmo governando todas as coisas, fornecendo todas as ferramentas para que o homem não se perca,

Ele não viola a liberdade humana, para que ninguém diga que não tem culpa pela transgressão.

Só um Deus amoroso pode, mesmo sendo parte ofendida pelo pecado, tendo todo o direito de infligir seu castigo, derramando toda a sua ira santa, condenando irreversivelmente a toda a humanidade por sua transgressão à danação eterna, resolver redimir a todos aqueles que o receberem como Senhor. Deus é uma completude, nenhum de seus atributos sobressaem aos outros, Deus é santo, mas também é misericordioso; é amor, mas também é justiça.

Para Armínio, ainda aqueles que foram alvos da atuação da graça, tendo seu jugo retirado, seu arbítrio restaurado para poder conceber a ideia de um Deus salvador e amoroso, respondido positivamente ao chamado da salvação de Cristo Jesus, precisa estar atento para que não relegue a obra da redenção, crucificando Cristo novamente através da apostasia.

Como já fora dito neste escrito, Deus é presciente, conhece todas as coisas que acontecerão, também coopera com sua criação, através da graça, no processo de santificação. Mas, cabe ao crente ser diligente, temente a Deus, e cuidadoso com sua vida espiritual, para que não decaia da graça. As Escrituras estão cheias de alertas, de advertências quanto à vigilância do crente, para preservá-lo da possibilidade de, através do pecado deliberado, este venha a se perder eternamente.

Deus dá exemplos palpáveis de seu amor e graça em toda a Escritura, mesmo após a Queda, Ele amavelmente resolve redimir, restaurando aquilo que o ser humano perdeu na Queda de seu representante primeiro. Enviando seu Filho, para que a dívida fosse sanada, na cruz do calvário, possibilitando salvação a todas as pessoas indistintamente. Capacitando através da graça, para que sua criação não esteja desamparada na caminhada cristã, assim como nenhum dos apóstolos esteve, nem todos os crentes de todas as eras. E mesmo assim, Ele chama ao relacionamento pessoal, amoroso e recíproco, dando a liberdade para que o ser humano responda positivamente ao seu chamado para a salvação ou rejeite para fim de condenação, justa e eterna.

Este Deus é o que Armínio tanto salienta em sua teologia, que faz saltar aos olhos em seus escritos, ele não cria num Deus que elege pessoas para a salvação e para a perdição eterna, mas sim, num Deus que amorosamente provê todos os meios para que a sua criação não se perca, mas que decide livremente não coagi-la. Embora muitos o caluniem, deturpem sua teologia, acusem de ser pelagiano, semi-pelagiano, de colocar o homem acima de Deus, e de tantos outros espantalhos que possam criar, a teologia de Armínio não comete injustiça nenhuma ao Deus descrito na Bíblia, como sendo um ser soberano, onipotente, amoroso,

justo, fiel, misericordioso e como todas estas coisas, gracioso. Portanto, pelo fato de sua teologia ser totalmente fundamentada na graça de nosso Senhor, Armínio justamente é reconhecido como o teólogo da graça.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMÍNIO, Jacó. **As Obras de Armínio**. Trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. Vol. 1.
- \_\_\_\_\_. **As Obras de Armínio**. Trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. Vol. 2.
- \_\_\_\_\_. **As Obras de Armínio**. Trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. Vol. 3.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. King James Atualizada. Niterói - RJ: BV Books, 2012.
- BRUNELLI, Walter. **Teologia para Pentecostais: uma teologia sistemática expandida**. Vol. 3. 4 ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2017.
- CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. Trad. Elaine C. Sartorelli; Omair J. de Moraes Jr. São Paulo: Unesp, 2009. Vol. 1.
- \_\_\_\_\_. **A Instituição da Religião Cristã**. Trad. Elaine C. Sartorelli; Omair J. de Moraes Jr. São Paulo: Unesp, 2009. Vol. 2.
- COUTO, Vinícius. **Introdução à Teologia Armínio-Wesleyana**. São Paulo: Reflexão, 2014.
- DANIEL, Silas. **Arminianismo: a mecânica da salvação**. São Paulo: CPAD, 2017.
- GONZÁLEZ, Justo. **História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011. Vol. 2.
- \_\_\_\_\_. **Uma História do Pensamento Cristão: da reforma protestante ao século xx**. Trad. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Vol. 3.
- GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Trad. Marcelo Gonçalves; Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. Vol. 2.
- MAIA, Carlos K. **Depravação Total**. São Paulo: Reflexão, 2015.
- LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos**. Trad. Vilson Scholz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- OLSON, Roger. **Teologia Arminiana: mitos e realidades**. Trad. Wellington Carvalho Mariano. São Paulo: Reflexão, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Contra o Calvinismo**. Trad. Wellington Carvalho Mariano. São Paulo: Reflexão, 2013.
- PICCIRILLI, Robert E. **Graça, Fé e Livre Arbítrio**. Trad. Rejane Ferreira Caetano Eagleton. São Paulo: Reflexão, 2017.

- \_\_\_\_\_. **Livre-Arbítrio Revisitado**: uma resposta respeitosa a Lutero, Calvino e Edwards. Trad. Wellington Mariano. Cuiabá: Palavra Fiel, 2019.
- PINNOCK, Clark H. (Org.). **Graça para Todos**: a dinâmica arminiana da salvação. Trad. Wellington Mariano. São Paulo: Reflexão, 2016.
- POMMERENING, Claiton. Salvação e Livre-Arbítrio. In: **Lições Bíblicas**: a obra da salvação, Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida. p. 54-60, out./dez. 2017.
- RODRIGUES, Zwinglio. **Graça Resistível**. São Paulo: Reflexão, 2016.
- SHANK, Robert. **Eleitos no Filho**: um estudo sobre a eleição. Trad. Vinícius Couto; Glória Hefzibá. São Paulo: Reflexão, 2015.
- STANGLIN, Keith D.; MCCALL, Thomas H. **Jacó Armínio**: teólogo da graça. Trad. Wellington Carvalho Mariano. São Paulo: Reflexão, 2016.
- VAILATTI, Carlos Augusto. **Expição Ilimitada**. São Paulo: Reflexão, 2015.
- WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia Sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Trad. Sueli Saraiva; Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Vida, 2011.